



Revista de História (São Paulo)

ISSN: 0034-8309

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas, Departamento de História

Luca, Tania Regina de
**O BRASIL ILUSTRADO (1877-1878) E FÉLIX FERREIRA:
CONHECIMENTOS ÚTEIS EM PROL DA NAÇÃO***
Revista de História (São Paulo), núm. 179, a07918, 2020
Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, Departamento de História

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.147798>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=285068996008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UAEM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



ARTIGO

O BRASIL ILUSTRADO (1877-1878) E FÉLIX FERREIRA: CONHECIMENTOS ÚTEIS EM PROL DA NAÇÃO*

Contato
Departamento de História
Av. Dom Antonio, 2100
19806-900 – Assis – São Paulo – Brasil
tania.luca@unesp.br

 Tania Regina de Luca**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”
Assis – São Paulo – Brasil

Resumo

O artigo tem por objeto o periódico *Brasil Ilustrado: arquivo de conhecimentos úteis*, lançado no Rio de Janeiro em janeiro de 1887. Além de localizar a folha no rol das muitas publicações ilustradas que surgiram ao longo do século XIX, trata-se de precisar a sua natureza, o projeto editorial, as razões que motivaram seus idealizadores e analisar o conteúdo difundido, em termos textuais e imagéticos. Especial destaque merece Félix Ferreira, que efetivamente respondeu pela direção do periódico. No mesmo momento, os leitores tinham a oportunidade de adquirir outro mensário, *A Ilustração* (1884–1892), impresso em Paris e que regularmente chegava a Lisboa e ao Rio de Janeiro a partir do porto de Bordeaux. A confrontação dos dois impressos convida a refletir acerca das condições de produção de estampas na capital do Império, num momento em que se afigurava urgente obter métodos baratos, rápidos e eficientes de reprodução da informação visual, cuja demanda cresceu de maneira muito significativa ao longo do Oitocentos.

Palavras-chave

Imprensa ilustrada – *Brasil Ilustrado* – Félix Ferreira – xilografia – *A Ilustração*.

* Todas as obras e todos os documentos utilizados na pesquisa e na elaboração do artigo são citados nas notas e na bibliografia. A grafia das citações foi atualizada.

** Professora Livre-Docente no Departamento de História, Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp/Assis). Bolsista Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



ARTICLE

**BRASIL ILUSTRADO
(1877-1878) AND FÉLIX
FERREIRA:
USEFUL KNOWLEDGE
ON BEHALF OF THE
NATION**

Contact

Departamento de História
Av. Dom Antonio, 2100
19806-900 – Assis – São Paulo – Brazil
tania.luca@unesp.br

 **Tania Regina de Luca**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”

Assis – São Paulo – Brazil

Abstract

The article analyzes the periodical *Brasil Ilustrado: arquivo de conhecimentos úteis*, released in Rio de Janeiro in January 1887. In addition to establish its place among the many illustrated publications that emerged throughout the nineteenth century, we intend to identify its nature, its editorial project, the reasons that motivated its owners to take forward the idea and analyze its textual and iconographic content. Particular attention is given to Félix Ferreira, who was effectively responsible for the journal's direction. At the same time, readers in Brazil had the opportunity to acquire another monthly journal, *A Ilustração* (1884-1892), printed in Paris and regularly arriving in Lisbon and Rio de Janeiro from the harbor of Bordeaux. The confrontation of the two periodicals invites us to reflect on the printing conditions in the capital of the Empire, at a time when it was urgent to obtain inexpensive, fast and efficient methods of reproduction of visual information, whose demand grew in a very significant way during the nineteenth century.

Keywords

Illustrated press – *Brasil Ilustrado* – Félix Ferreira – wood engraving – *A Ilustração*.

Foi no decorrer do Oitocentos que a imprensa ilustrada ganhou fôlego, graças tanto à mecanização e industrialização do processo de impressão, que abandonou o padrão vigente nas oficinas desde os tempos de Gutenberg,¹ quanto às novas demandas sociais por informação. No campo específico do icônico, a xilografia de topo,² a litografia³ e a fotografia alteraram a escala de difusão das imagens. É possível acompanhar a multiplicação de periódicos europeus que, desde a terceira década do século, passaram a incorporar sistematicamente material imagético.

Num esforço para discernir as linhas de força que atravessavam o cada vez mais diversificado e complexo campo dos periódicos ilustrados, Jean-Pierre Bacot, tendo em vista sobretudo a experiência europeia, identificou quatro gerações de publicações desta natureza, a saber: a que tinha por ideal instruir e educar a população por meio da disseminação dos chamados conhecimentos úteis, inaugurada pela *Penny Magazine* (Londres, 1832), editado pela *Society for the Diffusion of Useful Knowledge* e logo seguido pelo francês *Magasin Pittoresque* (Paris, 1833); outra cujo início remonta ao lançamento do *Illustrated London News* (Londres, 1842) e do *L'Illustration* (Paris, 1843), impressos que selavam, no próprio ato de nomeação, compromisso com o conteúdo iconográfico e cujo mote era a difusão de novidades para um público seletivo, disposto a pagar por impressos graficamente bem acabados mas de custo relativamente elevado, exatamente o contrário do observado em relação à primeira e à terceira geração de periódicos ilustrados, esta última tendo entre seus marcos o *Penny Illustrated Paper* (Londres, 1861), o *Journal Illustré* (Paris,

¹ A respeito, ver Chartier (1981, p. 191-209) e Feyel (2011, p. 97-159).

² A xilografia de topo (madeira cortada no sentido perpendicular à fibra) difundiu-se a partir dos últimos anos do século XVIII e apresentava significativas vantagens, em termos de precisão dos detalhes, em comparação com a xilo de fibra (na qual o corte é feito no sentido desta), o que deu margem a renovado interesse de seu uso para ilustração de livros e periódicos, como esclarece Porta (1958, p. 416-417). Em inglês, utiliza-se o termo *woodcut* para a segunda técnica mencionada e *wood engrave* para a primeira, desenvolvida pelo gravador e naturalista britânico Thomas Bewick (1753-1828).

³ De acordo com a feliz síntese de Fabris (1998, p. 12): "No processo litográfico, descoberto em 1797 por Alois Senefelder, o desenho original e o desenho impresso são praticamente idênticos. Não é mais preciso retocar, traduzir o primeiro num outro meio expressivo, o que liberta o artista da constrição do esquema linear. O desaparecimento do gravador de interpretação é acompanhado pelo aparecimento simultâneo da informação visual de primeira mão. Se acrescentarmos a isto fatores como facilidade de execução, baixo custo dos equipamentos, recuperação das pranchas, arquivamento do desenho no papel, compreenderemos o alcance da revolução litográfica". A autora também passa em revista o percurso para obtenção e fixação de imagens em superfícies fotossensíveis.

1863) e *La Presse Illustrée* (Paris, 1866), que foram seguidos, em 1889 e 1890, respectivamente, pelos suplementos ilustrados semanais dos jornais populares, *Le Petit Journal* (Paris, 1863) e *Le Petit Parisien* (Paris, 1876), que balizam o início da quarta leva, igualmente caracterizada pela modéstia do preço (BACOT, 2005).⁴

Panoramas de grande amplitude, como o traçado pelo pesquisador francês, são instrumentos cuja força heurística manifesta-se na capacidade de ordenar, caracterizar e atribuir sentidos a acontecimentos ou períodos, que se tornam inteligíveis a partir dos parâmetros estabelecidos. Contudo, é bom lembrar que a opção pela grande angular tem suas limitações, pois sacrifica os detalhes em prol do quadro mais geral. No caso específico das publicações ilustradas, vale destacar que o surgimento de uma nova geração não implicava necessariamente na extinção das antecessoras, aspecto não negligenciado pelo autor, e que a caracterização tão precisa e bem marcada de cada fase pode não se repetir em outros espaços ou em circunstâncias diversas, como alerta o exemplo brasileiro.

Brasil Ilustrado: apresentação

Em 1887 foi lançado o primeiro número do *Brasil Ilustrado*, que ostentava o subtítulo “arquivo de conhecimentos úteis”. Não é simples precisar a periodicidade e a duração da publicação. Seus doze primeiros números estão disponíveis nos sítios da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (HDB-BN) e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, na Universidade de São Paulo (BBM/USP). Nos exemplares pertencentes a ambas as instituições, a primeira página do número de estreia traz cabeçalho com título, indicação da empresa proprietária-editora e do ateliê responsável pelas estampas, sem indicar, contudo, preço, dia e mês do lançamento, conforme se observa na Figura 1.

⁴ É importante observar que o autor não inclui em seu estudo os periódicos ilustrados de cunho humorístico, que igualmente difundiram-se no período.

Figura 1
Primeira página do número inaugural do *Brasil Ilustrado*



Brasil Ilustrado, n. 1, p. 1, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

Os exemplares apresentavam paginação contínua, indício de que o material foi concebido para ser colecionado, encadernado e guardado, prática bastante difundida no período e que remete ao esforço de aproximar os periódicos, marcados pela efemeridade, da permanência característica do livro. Aliás, era esse o aspecto almejado, tanto que a portada da Figura 1 não consta nos demais números, encadernados em volume único e conservados na BN e na BBM/USP. Entretanto, é pouco provável que, ao serem lançados, os exemplares não contivessem páginas sem numeração, com informações editoriais, envolvendo o conteúdo propriamente dito. Tal hipótese confirma-se pelo fato de o segundo número, pertencente à BN, apresentar invólucro de quatro páginas composto por capa com estampa, contracapa e folhas internas que reproduziam notas de outros órgãos de imprensa relativas ao lançamento do *Brasil Ilustrado*, material ausente no exemplar da BBM/USP (Figuras 2 a 5). A partir da descrição da ficha catalográfica, sabe-se que o volume da BN traz o ex-líbris da Coleção Benedito Otoni (1811-1896), cuja presença não pode ser identificada no suporte digitalizado.⁵

⁵ Na BN, veda-se o acesso aos originais que foram microfilmados ou digitalizados. A despeito da legitimidade do argumento da preservação, a passagem do papel para outros suportes pode implicar em perdas significativas e está longe de dispensar a consulta ao impresso. As dimensões da publicação, registradas nos dados catalográficos da BN (20 cm × 29 cm), devem ter incluído a encadernação, pois a consulta direta, realizada na BBM/USP, revelou que os exemplares tinham 18 cm × 27 cm. A procedência deste volume está indicada em etiqueta, no verso da encadernação, na qual se lê: "Américo F. Marques, livreiro e antiquário estabelecido em Lisboa, à Rua da Misericórdia 92". O *Brasil Ilustrado* está disponível na <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/brazil-illustrado/717746> e na BBM/SP: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/2263>. Acesso maio/2018. O endereço eletrônico da publicação é mencionado apenas na primeira citação.

Figura 2
Reprodução da capa do invólucro do segundo número do *Brasil Ilustrado*



Brasil Ilustrado, n. 2, 1887, invólucro não numerado. Fonte: Biblioteca Nacional.

Figura 3
Primeira página interna do invólucro do
segundo número do *Brasil Ilustrado*



Brasil Ilustrado, n. 2, 1887, invólucro não numerado. Fonte: Biblioteca Nacional.

Figura 4

Segunda página interna do invólucro do segundo número do *Brasil Ilustrado*

" BRAZIL ILLUSTRADO "

« Os Srs. M. Pinheiro e Alfredo Pinheiro iniciaram uma publicação, que merece franco e decidido apoio de todos aquellos que ainda consideram como dignas de apreço nesta terra as tentativas feitas em prol de uma arte, de uma industria ou de qualquer manifestação da actividade intellectual de nossos compatriotas.

Referimo-nos ao *hebdomadario Brasil Illustrado*, magnífica publicação redigida pelos Srs. Felix Ferreira e Dr. Pires de Almeida, com excellentes gravuras feitas em madeira pelos distinctos artistas Pinheiro, pai e filho, sobre desenhos de Bento Barbosa e Emilio Rouéde.

Como trabalhos de xylographia são estes dos melhores que temos visto, executados no Rio de Janeiro, onde esse genero, como todos os generos de gravura, tem sido completamente descurado.

Felicitações aos Srs. M. Pinheiro e A. Pinheiro, e desejamos que a sua excellente publicação obtenha o exito feliz de que é merecedora. »

(Extr. d'O Paiz de 16 de Janeiro de 1887.)

ISTO E AQUILO

« Não se diga que é mesquinho—ou insignificante o movimento jornalístico em nossa terra.

Boa vontade, dedicação, às vezes até ao sacrificio, e aptidões para a imprensa, não faltam. O que falta é gosto para a leitura e educação litteraria. São esses os dous grandes e terríveis óbices que impedem o engrandecimento da nossa imprensa, que a não deixam exercer todo o seu grande poder social.

A prova disso é a grande quantidade de folhas que se creem e que—depois de uma vida mais ou menos ephemera, e mais ou menos brilhante—desapparecem, às vezes, quando menos se espera.

E' preciso uma estupenda força de vontade, uma imperterrita teimosia para impor ao publico um jornal, vencendo-lhe a indiferença e o desamor da leitura.

Só ha um meio de conquistar o publico: é fingir que se não precisa d'elle. Quando S. M. o Respeitavel se convencer de que o diabo do *jornalco* não morre apesar de elle o não assignar—assigna-o.

Por isso, para que uma folha possa viver, deve ter sempre como norma esta sentença essencialmente pratica: arrotar contos de réis mesmo quando não se tenha um níkel na gaveta, que é o estomago das empresas.

Verdade é que, felizmente, no jornalismo com difficuldade se desanima; as desillusões vêm menos cedo, e das cinzas de uma desillusão é facil rebentarem illusões novas, novas esperanças.

A vista da immensa fila de tumulos de jornaes fallecidos na flor da idade não impede o nascimento de outros muitos.

Nascem muitos e muitos morrem—mas sempre escapam alguns.

E' por isso que devem ser recebidos com sympathia e animação.

Uma dessas tentativas mais dignas de applausos e de assignantes é o *Brasil Illustrado*, cujo primeiro numero tenho á vista. Creio que é a primeira revista que nos apresenta gravuras sobre madeira feitas aqui. E' um bello tentamen para introduzir o gosto pelos trabalhos de xylographia. Entre as muitas gravuras bonitas, destaca-se a *entrada da barra do Rio de Janeiro*, bella marinha de Emilio Rouéde, realmente bem gravada. A redacção está a cargo dos Srs. Felix Ferreira e Dr. Pires de Almeida.

Ao *Brasil Illustrado* desejo e auguro a serie de triumphos que merece. »

(Extr. do *Diario de Noticias* de 11 de Janeiro de 1887.)

JORNAES E REVISTAS

« Acaba de apparecer o *Brasil Illustrado*, de propriedade dos Srs. Pinheiro & C. O seu primeiro numero é uma bellissima manifestação do esplendido futuro que está reservado a esta revista, onde as pennas de Felix Ferreira, Dr. Pires de Almeida e outros burilam judiciosos e interessantes artigos. Agradaram-nos verdadeiramente as gravuras que ornão o seu texto, destacando-se, por admiraveis, a da primeira pagina e a que representa a barra do Rio de Janeiro, reproducção de uma marinha de E. Rouéde.

O *Brasil Illustrado* é, pois, uma revista digna da coadjuvação publica, e esperamos que esta lhe não ha de faltar.

Parabens ao seu fundador, o habil xylographo Alfredo Pinheiro e aos seus redactores. »

(Extr. d'A Semana de 15 de Janeiro de 1887.)

DE PALANQUE

« Tenho diante de mim os primeiros numeros de dous periodicos de indole bem diversa: o *Brasil Illustrado* e *Lombard Street*.

O primeiro é uma sympathica tentativa, que merece o apoio de quantos se interessam pelo progresso das artes no Brazil. As gravuras do numero inicial, executadas pelos Srs. Manoel e Alfredo Pinheiro, se não têm ainda a perfeição ideal, são as melhores que no Brazil se têm feito. Os desenhos de Emilio Rouéde e Bento Barbosa me pareceram magnificos.

A direcção litteraria do *Brasil Illustrado* está a cargo de um collega que no jornalismo fluminense ha muito tempo ganhou esporas de cavalleiro: o Sr. Felix Ferreira.

Dispondo de taes elementos, é natural que a nova revista brasileira vingue e prospere. A gravura em madeira é uma arte de muito futuro no Rio de Janeiro: o *Brasil Illustrado* contribuirá, sem duvida, para que esse futuro não seja muito remoto. E' o que lhe desejo de todo o coração. »

(Extr. do *Diario de Noticias* de 19 de Janeiro de 1887.)

Brasil Illustrado, n. 2, 1887, invólucro não numerado. Fonte: Biblioteca Nacional

Figura 5
Contracapa do invólucro do
segundo número do Brasil Ilustrado

PROSPECTO

BRAZIL ILLUSTRADO

ARCHIVO DE CONHECIMENTOS UTEIS

COMPREHENDENDO: *Historia, geographia, biographia, usos, costumes, flora, fauna, tudo enfim quanto se refere à terra e a seus habitantes em geral e particularmente com referencia ao Brazil. — Sciencia ao alcance de todos; com applicações aos usos communs da vida, ás industrias, e como simples passatempo — Bellas-arts; abrangendo a esthetica, o historico e a reproducção graphica. — Litteratura: contos, romances, viagens, aneddotas e o mais que possa recrear o espirito sem fatigal-o, nem pervertel-o. — Sendo os artigos sempre illustrados por gravuras em madeira (xylographia), sob desenhos reproduzidos ou originários.*

AVULSO 500 rs. — ASSIGNATURA: 5\$ por semestre ou 10\$ por ANNO.

As assignaturas do semestre findam sempre a 30 de Junho, e as de anno a 31 de Dezembro.
Recebendo o assignante os números correspondentes ao respectivo periodo pago; isto é: 12 em seis mezes e 24 em doze. Cada numero nunca terá menos de 16 paginas; formando cada anno um volume com perto de 400 paginas.

Para as provincias não se aceitam assignaturas por menos de um anno, não se attendem a pedidos que não sejam acompanhados da respectiva importancia ou ordem de respeito; e nem se recebem sellos em pagamento.

Toda a correspondencia litteraria ou artistica, e aceita-se com muito prazer quer uma quer outra collaboração dentro do programma da Revista, deve ser endereçada á Redacção; e a referente á administração aos editores proprietarios.

PINHEIRO & C.

ou a seus agentes, cujos nomes serão publicados neste prospecto, para conhecimento dos interessados.

Estabelecida ha 35 annos com officinas TYPOGRAPHICA e LITHOGRAPHICA, as quaes juntam-se actualmente as de XYLOGRAPHIA, STEREOTYPIA e GALVANOPLASTIA, esta casa pela sua longa duração de estabilidade e bom credito que goza, acha-se nas condições de cumprir seriamente os compromissos que contrahir com esta publicação, bem como executar, com o maior zelo, todo e qualquer trabalho relativo ás ramificações da sua arte-industrial.

Rio de Janeiro

157 RUA SETE DE SETEMBRO 157

Brasil Ilustrado, n. 2, 1887, invólucro não numerado. Fonte: Biblioteca Nacional.

Pode-se supor que os assinantes, encadernadores ou vendedores julgaram conveniente extirpar os envoltórios, quiçá por considerarem que estes interrompiam a numeração e perturbavam a aparência livresca que o conjunto assumia depois de reunido.⁶ É tentador imaginar que o senador Otoni, ou quem lhe vendeu o volume contendo os doze primeiros números,⁷ tenha se dado ao trabalho de conservar apenas a primeira ocorrência, descartando as demais que deveriam ser, em larga medida, semelhantes. De toda forma, tais hipóteses só poderiam ser confirmadas ou refutadas mediante comparação com outras coleções.

O certo é que as quatro páginas preservadas contêm dados relevantes sobre o periódico, a começar pelo preço, modesto em comparação com outras publicações em circulação naquele momento.⁸ Projetava-se lançar doze edições por semestre, cada uma com dezesseis páginas, constituindo um conjunto anual com quase quatrocentas. A despeito de não indicar o dia e o mês do lançamento, o período de início e fim das assinaturas sugere que ocorreu em janeiro, o que é atestado pelas recensões críticas transcritas de órgãos da imprensa, a primeira delas datada de 15 de janeiro (Figuras 3 e 4). Já no texto de apresentação, declarava-se a intenção de “dar esta publicação, por enquanto, duas vezes por mês”, projeto que deveria envolver dificuldades consideráveis, como se observa no tom evasivo quando se tratava de estipular datas: “procurando ser sempre em dia certo”.⁹ Talvez para tranqui-

⁶ A preocupação de constituir um volume, em tudo semelhante a um livro, indica a ambiguidade que ainda envolvia o impresso periódico, que só lentamente adquiriu identidade própria, atestada nos dicionários que passaram a registrar, para o termo revista, outros sentidos além do verbo revistar e expressões como ‘passar em revista a tropa’.

⁷ O exemplar de Otoni exibe capa com o título do periódico e a informação: “à venda na Livraria Laemmert”, isso apesar de a publicação não ser impressa por essa casa, o que indica que o volume foi adquirido já encadernado.

⁸ Tal aspecto não passou despercebido, como se lê em *A Semana* (1885-1895) de Valentim Magalhães (1859-1903): “Sendo módico o preço da assinatura e magnífica, no seu gênero, é de esperar tenha dentro em pouco a voga e o sucesso que merece”. *Jornais e revistas. A Semana*, Rio de Janeiro, ano 3, v. 3, n. 110, p. 44, 05/02/1887. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/383422/887>. A subscrição anual do *Brasil Ilustrado* custava 10\$ e a semestral 5\$ e encerravam-se em junho e dezembro, respectivamente. No mesmo momento (janeiro de 1887), *A Estação. Jornal Ilustrado para a Família* (1879-1904) aceitava apenas assinatura por doze meses com custo de 12\$, ver: HDB-BN: <http://memoria.bn.br/DocReader/709816/0>. Já *O Mequetrefe* (1875-1893) cobrava 16\$ (ano) e 9\$ (semestre), Ver: HDB-BN: <http://memoria.bn.br/DocReader/709670/1>. Acessos maio/2018.

⁹ Não é possível precisar a data de cada número, pois somente se conta com menções indiretas, provenientes de publicações coetâneas, que registravam e agradeciam o envio de mais uma edição em seções específicas, normalmente intituladas “recebemos”, “recebemos e agradecemos”,

lizar o assinante, os responsáveis asseveravam a edição de “vinte e quatro números em um ano, tempo pelo qual tomam o compromisso e o cumprirão com a seriedade que de há muito estão acostumados a servir o público”.¹⁰

Entretanto, a promessa não foi mantida e os motivos foram explicitados em nota dirigida aos assinantes, datada de 30 de junho de 1887, graças à qual se sabe que os problemas começaram no lançamento do *Brasil Ilustrado*, inicialmente previsto para o primeiro dia de janeiro. O papel especial encomendado na Europa para a impressão do exemplar de estreia atrasou, levando os responsáveis a produzir o periódico com o que estava disponível no Rio de Janeiro. A preciosa carga aportou algum tempo depois e a edição subsequente ganhou em nitidez, como registrou *A Semana*: “Notavelmente melhores que as do primeiro número são as gravuras do número dois de *Brasil Ilustrado*. Para isso deve também ter concorrido a melhoria do papel empregado, próprio para gravuras”¹¹ Em prol da uniformidade da coleção, a direção decidiu reimprimir o primeiro exemplar, que já fora distribuído aos assinantes (Figura 6), circunstância que, ainda uma vez, indica a intenção de compor um volume a ser conservado para futuras consultas.

“registro” ou “jornais e revistas”, que se constituem em importante fonte para inventariar o que estava em circulação num dado momento.

¹⁰ O texto de apresentação não traz título e vem assinado por FERREIRA, Félix. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3, 1887.

¹¹ Jornais e revistas. *A Semana*, Rio de Janeiro ano 3, v. 3, n. 110, p. 44, 05/02/1887.

Figura 6
Nota sobreposta à capa do invólucro do
segundo número do *Brasil Ilustrado*



Brasil Ilustrado, n. 2, 1887, invólucro. Fonte: Biblioteca Nacional.

A nota prossegue com a narração de outra dificuldade, que se apresentou quando da chegada ao Rio de Janeiro do segundo suprimento de papel, destinado aos exemplares programados para o segundo semestre de 1887.

Assim, “embora de boa qualidade, amarelado e de bom corpo”, apresentava “muita diferença na cor e, por conseguinte, a continuarmos a impressão nele ficava o volume do *Brasil Ilustrado* mesclado”, circunstância alegada para a suspensão temporária da circulação.¹² O Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) possui em seu acervo os números 13 a 16, sem indício de encadernação anterior, tanto que as folhas estão soltas e, a despeito da cuidadosa restauração, algumas delas estão incompletas, comprometendo a leitura do conteúdo. Adotava-se exatamente o mesmo padrão gráfico, retomava-se a paginação e a publicação de textos que não haviam sido finalizados, ou seja, tratava-se de dar seguimento à empreitada no ponto em que fora interrompida. Para precisar o momento em que se deu o relançamento, foi necessário contar com informações provenientes da imprensa, uma vez que dados editoriais continuavam ausentes dos exemplares. Sabe-se que o título ressurgiu no início de fevereiro de 1888, com periodicidade bastante espaçada e que não ultrapassou quatro edições, o que perfaz o total de dezesseis.¹³ O último número preservado traz um invólucro, com capa e contracapas bastante deterioradas, mas que permitem distinguir, na primeira, o título da publicação, o editor-proprietário e o ano de 1888, além de uma estampa com paisagem do Rio de Janeiro, enquanto a quarta capa contém anúncios de livros da Editora Laemmert. Nas folhas internas, igualmente com lacunas importantes causadas pela ação do tempo, encontram-se dois índices, um relativo aos textos e outro às ilustrações, o que permite concluir que a publicação deixou de circular a partir de então, a despeito de alguns artigos da derradeira edição, de número dezesseis, trazerem a indicação “continua”.

¹² PINHEIRO & CIA. Aos nossos assinantes. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 12, 1887, p. 192. Esta página consta apenas no acervo da Brasileira/USP, não tendo sido preservada no volume pertencente à BN.

¹³ Foram localizadas as seguintes menções: n. 13 em *O País*, Rio de Janeiro, ano V, n. 1217, p. 1, 05/02/1888, que informou: “Reapareceu ontem o periódico o *Brasil Ilustrado*”, ver: HDB-BN: http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=178691_01; n.º 14 na *Revista de Engenharia*, n. 185, p. 78, 14/04/1888, ver: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-engenharia/709745>; n. 15 na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 130, p. 2, 09/05/1888, ver: http://memoria.bn.br/docreader/103730_02/13754 e o n. 16 no *Diário de Notícias*, n. 1140, p. 2, 27/07/1888, ver: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/4624>. Cabe notar que foi selecionada a primeira menção encontrada na imprensa para cada um dos quatro números, por ser a mais próxima de seu lançamento.

O projeto e seus idealizadores

O nome de um periódico nunca é uma escolha aleatória, antes articula-se aos objetivos perseguidos pelos idealizadores. No caso em estudo, estes também podem ser explicitados graças às quatro páginas que faziam as vezes de invólucro do segundo número e que retomavam ideais presentes no texto de apresentação. Não parece demais afirmar que a denominação *Brasil Ilustrado* expressava a vontade de dar conta do país, para o que se mobilizavam recursos textuais e imagéticos, aludidos nos instrumentos que ladeavam o título, conforme se observa, aliás, não apenas neste periódico, mas em vários de seus contemporâneos que faziam alusão à pena, ao porta crayon, ao lápis litográfico, ao buril e/ou à goiva enquanto suas marcas distintivas (Figura 2, canto superior direito).

O país, por sua vez, tomava a forma de uma criança com olhos muito expressivos, que tinha por entre as mãos um exemplar do *Brasil Ilustrado* e atrás de si uma paisagem ainda sem vestígios da ação humana. A composição, emoldurada numa espécie de medalhão, era ladeada por flores simples e delicadas, que acabavam por reforçar o tom bucólico e inocente do conjunto, representação que aludia à juventude da nação, ainda em processo de autodescoberta e formação. (Figura 2). O subtítulo, por seu turno, de imediato remetia ao ideal enciclopédico de ilustrar e educar, denotando inspirar-se nos impressos congêneres europeus, em circulação desde o início dos anos 1830. No texto programa, tal intenção era expressa nos seguintes termos:

Não é um periódico literário este, na mais restrita acepção do vocábulo, mas como bem diz o subtítulo – um modesto arquivo de conhecimentos úteis, isto é: consagrado à boa lição de tudo quanto pode instruir recreando, especialmente em relação às coisas pátrias, à história, geografia, uso, costumes, flora, fauna, paisagem e obras de arte do Brasil, como esboça este primeiro número.¹⁴

E, no mesmo diapasão, declaravam-se na capa as temáticas abordadas (“Belas Artes, História, Literatura, Ciências, Agricultura, Indústria, Tipos e Costumes”), enquanto o caráter enciclopédico do conteúdo deveria “recriar o espírito, sem fatigá-lo ou pervertê-lo”, como se lê no prospecto (ver, respectivamente, Figuras 2 e 5). Assim, se o título evocava, de acordo com a classificação proposta por Bacot, a segunda geração de periódicos, o subtítu-

¹⁴ FERREIRA, Félix. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3, 1887.

lo e parte dos intuitos remetiam para os ideais da primeira, com a particularidade de ter por objeto privilegiado não os conhecimentos úteis tomados no seu sentido mais amplo, como foi o caso das publicações europeias, mas sim a descrição e a compreensão do próprio país, em sintonia com os projetos da intelectualidade local.

Não era a primeira vez que um periódico com tal denominação circulava na corte, pois há registro de pelo menos um *O Brasil Ilustrado: publicação literária*, editado entre março de 1855 e dezembro de 1856 que, a despeito de ostentar subtítulo diverso, não diferia significativamente do sucessor no que concerne à preocupação pedagógica e nacionalista.¹⁵ Em fins da década de 1880, a novidade estava na promessa de “artigos sempre ilustrados por gravuras em madeira (xilografia) sob desenhos reproduzidos ou originais”, conforme se declarava no prospecto. E aqui residia a originalidade e o desafio do projeto, tendo em vista que o país não contava com escolas ou oficinas que difundissem a técnica, como se fez questão de pontuar no texto de apresentação. Tais limitações implicavam uma proposição modesta em termos materiais, mas que ambicionava contribuir para disseminar o gosto pelo desenho e pela gravura:

não se trata de um periódico de grande formato, de aparatosas gravuras e aprimorados artigos, mais de uma pequena revista ilustrada, assunto por assunto, feita com o concurso de todos – escritores e artistas – que levados pela mesma boa vontade que anima os dignos editores, nos queiram auxiliar nesta benemérita empresa.¹⁶

O empreendimento congregava, por um lado, o estabelecimento de Pinheiro & Cia., editor-proprietário, e o ateliê artístico de Alfredo Pinheiro. De outro, os diretores Félix Ferreira (1841-1898) e José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913), tal como explicitado no artigo programático, assinado pelo primeiro:

Convidado, e conjuntamente com o meu amigo Dr. Pires de Almeida, para dirigir de acordo com os ilustradores Pinheiro pai e filho esta publicação, aceitei o gracioso encargo menos certo da minha competência que da boa vontade com que dedicarei à modesta empresa os meus limitados conhecimentos literários e sentimentos artísticos.¹⁷

¹⁵ Título disponível na URL: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/brasil-illustrado/706817>.

¹⁶ FERREIRA, Félix. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 2, 1887.

¹⁷ *Ibidem*, p. 3.

A iniciativa coube, portanto, à oficina tipográfica, litográfica e xilográfica do imigrante português Manoel Joaquim da Costa Pinheiro (1832–1903), que chegou ao Rio de Janeiro com 11 anos e logo se estabeleceu como comerciante em Santos, cidade na qual iniciou suas atividades no campo da impressão. De retorno à capital em 1850, empregou-se na oficina de Manuel José Cardoso,¹⁸ tendo se estabelecido dois anos depois por conta própria, em sociedade com José Luiz Vargas de Vasconcelos. Em 1859, adquiriu a oficina de litografia e tipografia de João Xavier de Souza Menezes, à Rua do Cano, 165, posteriormente renomeada rua Sete de Setembro.

Ilustrador autodidata e bastante respeitado, Pinheiro assinou trabalhos para várias das obras editadas por Baptiste Louis Garnier (1823–1893), em cuja tipografia se imprimiram os primeiros números da emblemática *Semana Ilustrada* (1860–1876). Era tido pelos contemporâneos não apenas como um dos pioneiros da xilogravura no Rio de Janeiro, mas também um de seus raros praticantes, ou seja, estava entre os poucos aptos a levar adiante publicação da natureza do *Brasil Ilustrado*.¹⁹ Em tom confiante, o texto programa assim se referiu à Pinheiro & Cia.: “Estabelecida há 35 anos e possuindo um dos mais completos estabelecimentos gráficos do país, nenhuma casa por certo se acha entre nós em melhores condições de empreender e levar por diante uma publicação desta ordem”.²⁰

Na portada do número inaugural figurava o Ateliê Artístico de Alfredo Pinheiro (1858?–1901?), localizado no mesmo endereço da empresa de seu pai. Em 1874, Alfredo partiu para a França a fim de aperfeiçoar-se na xilo-

¹⁸ De acordo com Berger (1984, p. 44), Manoel Cardoso abriu oficina de estamperia em 1839, à qual acrescentou, no ano seguinte, atividades tipográficas. Em 1850 estava estabelecido na Rua do Cano, 77.

¹⁹ Suas habilidades foram destacadas em agosto de 1850 no jornal *Mercantil*, de Santos: “não obstante ser a nossa tipografia a primeira que ele viu em sua vida, empregou por tal forma os seus esforços, que havemos publicados duas folhas semanais, aviado algumas encomendas de pequena monta e, além disso, ilustrado alguns de nossos artigos com vinhetas abertas por ele, à ponta de um tosco canivete”. Este excerto, assim como outras informações sobre sua trajetória, constam na homenagem ao seu cinquentenário, publicada em: 13 de Maio. Manoel Joaquim da Costa Pinheiro. *Brasil Histórico*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 11, p. 1–2, 30/07/1882, ver: HDB-BN: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=717681&pesq=brazil+historico>. A sistematização mais abrangente sobre suas atividades, ancoradas em fontes de época, encontra-se em Ferreira (1994, p. 177, 182–184). Já os dados comerciais, endereços e atividades estão em Berger (1984, p. 100–101). Entre 1860 e 1889, a Pinheiro & Cia. figurou no *Almanaque Laemmert: Administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro*, sempre no mesmo endereço, variando apenas a numeração.

²⁰ FERREIRA, Félix. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3, 1887.

grafia de topo e, no final da década de 1870, já se encontrava estabelecido como gravador, ao lado do progenitor (FERREIRA, 1994, p. 182–183).²¹ Desta forma, a parte material do *Brasil Ilustrado* – concepção gráfica, composição, impressão e produção das estampas – estava a cargo da família Pinheiro.

No que tange ao conteúdo, a responsabilidade era creditada ao médico Pires de Almeida, que prestou serviços na campanha contra o Paraguai. Escritor versátil, publicou diversas obras científicas relativas ao seu campo de formação, estudos de cunho histórico e vários dramas e comédias, representados com sucesso na época, além de ter colaborado assiduamente em diferentes órgãos de imprensa e respondido pela publicação de *Brasil- Teatro: Repertório Dramático de Autores Nacionais e Estrangeiros* (1902–1907) (MENEZES, 1978, p. 23). Entretanto, levando em conta sua presença nas páginas do periódico, que não ultrapassou, pelo menos com textos assinados, o segundo número, pode-se supor que a maior parte do encargo coube, de fato, a Félix Ferreira, de longe o colaborador mais constante e assíduo da publicação.²²

Em 1887, Félix Ferreira já era um nome bastante conhecido nos círculos intelectuais da corte. Entretanto, não se conta com informações detalhadas a respeito de sua trajetória, uma vez que os dicionários especializados são econômicos quando se trata de precisar datas relativas às atividades nas quais ele se envolveu, às obras que escreveu, aos periódicos que lançou ou aos muitos em que colaborou,²³ o que obriga a recorrer a órgãos da imprensa para esboçar um panorama, sem dúvida lacunar, de sua atuação.²⁴ Blake assegura, sem fornecer maiores detalhes, que Ferreira empregou-se “muito

²¹ Dados sobre Alfredo são escassos. Ele é sempre citado em notas sobre as atividades de seu pai. Sabe-se que teve por companheiro de trabalho e discípulo o português José Martins Gomes Villas Boas (1857–1934) que, após a República, chefiou a oficina de xilografia e fotogravura da Casa da Moeda, segundo informa Ferreira, (1994, p. 196–197).

²² Fato assinalado sobre o número 7: “No texto, quase todo devido ao Sr. Félix Ferreira, há artigos dignos de atenta leitura”. *O País*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 927, p. 1, 20/04/1887.

²³ Notas sobre o autor são lacônicas e retomam, de forma parcial, dados de Blake (1883, p. 332–334), publicados quando Ferreira ainda vivia. Quando de sua morte, ocorrida em 22 de outubro de 1898, o *Jornal do Comércio*, que o tinha no seu quadro de redatores, deu conta das homenagens que lhe foram prestadas, o que permite avaliar o prestígio que desfrutava no mundo letrado: FÉLIX Ferreira. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro ano 78, n. 295, p. 1, 23/10/1898, em: HDB-BN: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/30022. Ver, ainda, AZEVEDO, Miranda. Necrologia. Félix Ferreira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. IIII, p. 603–605, 1898.

²⁴ O desafio foi enfrentado, com reunião de conjunto muito significativo de referências e reflexões, nos paratextos da reedição de *Belas artes: estudos e apreciações* (FERREIRA, 2012), com introdução e notas de Chiarelli. Também em Arnone (2014), orientada por Chiarelli. Esses trabalhos são referências pioneiras e obrigatórias sobre o tema.

jovem” na BN. É certo que se arriscou na produção literária com *As deusas de balão* (1867), comédia em verso em um ato, *Rimas inocentes de dois poetas ingênuos* (1869), em coautoria com João Ferreira Neves, além de haver escrito o romance *A má estrela* (1879) e diversas poesias em periódicos, a exemplo de *O Pandokeu* (RJ, 1866).²⁵

Além de colaborar em muitos jornais e revistas, envolveu-se diretamente com a fatura de outros. A confiar nas informações de Miranda Azevedo, auxiliou José de Alencar (1829-1877) a editar o *Dezesseis de Julho: Folha Política e Literária* (RJ, 1869-1870) e teria sido o responsável pelo lançamento de *Ideia: Revista Artística e Literária*, da qual se conhecem três números, relativos aos meses de setembro a novembro de 1869.²⁶ Neste mesmo ano lançou, com Joaquim Garcia Pires de Almeida (1844-1873), *Leitura para Todos*, mensário de mais de cem páginas, contendo produção literária e crítica de autores nacionais que circulou, pelo menos, entre julho e setembro.²⁷

Em 1870 ou 1871 fundou a Tipografia e Litografia Imperial de Félix Ferreira & Cia., instalada na rua Sete de Setembro, 146A, responsável por imprimir a primeira edição de *O Tronco do Ipê*, de José de Alencar, que saiu pela Garnier em 1871, o que pode ser tomado como mais um indício de sua proximidade com o escritor, ao lado do qual esteve no periódico *Dezesseis de Julho*.²⁸ Graças aos anúncios no *Almanaque Laemmert*, relativos aos anos de 1871 e 1872, sabe-se que editou a *Biblioteca para Todos*, anunciada como publicação mensal cuja sede era a mesma da tipografia, e da qual não foi possível obter exemplar ou informações mais detalhadas.

Outro periódico que saiu dos prelos da Tipografia Imparcial foi *O Guarani: Folha Ilustrada, Literária, Artística, Noticiosa e Crítica* (1871), publicada aos domingos e que circulou de janeiro a dezembro somando 37 números. O título, por seu turno, constituía-se em evidente referência ao romance homônimo

²⁵ O Gabinete Português de Leitura possui exemplares do romance e a BN da comédia, enquanto o volume em verso foi citado por AZEVEDO, Miranda. Op. cit. Do periódico *O Pandokeu* conta-se com alguns exemplares de 1866, que estamparam poemas de Ferreira, ver: <http://memoria.bn.br/docreader/259560/0>. Acesso maio/2018. Graças a notas esparsas na imprensa, sabe-se que escreveu versos em *O Contemporâneo* (1877-1878), do qual não foram localizados exemplares.

²⁶ No *Dezesseis de Julho* o nome de Félix Ferreira não figurou, enquanto em *Ideia* ele assinou algumas colaborações. Ambos estão disponíveis na HDB-BN: <http://memoria.bn.br/DocReader/703010/1> e <http://memoria.bn.br/DocReader/737356/1>, respectivamente.

²⁷ Os três primeiros números, encadernados com numeração sequencial de páginas, estão na HDB-BN: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=717460&pagfis=1>

²⁸ Exemplar na BBM/USP: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018488&bbm/4662#page/8/mode/2up>. Acesso maio/2018.

de Alencar, lançado em 1857. Félix Ferreira não só contribuiu com vários textos, sempre tratando de questões literárias e artísticas, como ele próprio – ou o seu estabelecimento – figurou na condição de proprietário, editor ou redator-gerente da folha, que se distinguia por publicar, a cada número, uma litografia separada do texto, em consonância com a praxe então vigente. Nos dez últimos números preservados, foi acrescida uma segunda litografia, que ocupava a primeira página, o que pode indicar as dificuldades enfrentadas para produzir na corte um periódico efetivamente ilustrado.²⁹

Não cabe aqui retomar em detalhes esse impresso. Basta assinalar que se distanciava dos congêneres humorísticos que dominavam a cena e cujo modelo matricial foi a *Semana Ilustrada* de Henrique Fleiuss (1824-1882). O *Guarani* assumia claro compromisso com a difusão da produção artística nacional nos mais diversos campos,³⁰ afastando-se dos quadros rígidos de Bacot. Impresso na tipografia de Félix Ferreira, os exemplares sempre continham anúncios sobre os serviços oferecidos pela empresa, cuja duração é difícil de precisar, cabendo notar que, no *Almanaque Laemmert*, não foram encontradas menções diretas à Tipografia Imparcial posteriores ao ano de 1872, o que não pode ser tomado, contudo, como prova cabal do encerramento de suas atividades.³¹

²⁹ Em nota não assinada de 25 de março de 1871 lê-se: “O número limitado de assinantes com que por enquanto contamos é menos que suficiente para fazer face às grandes despesas a que uma publicação deste gênero nos obriga a fazer, não obstante, porém, procuraremos por todos os meios ao nosso alcance melhorá-la de dia em dia a ponto de merecer a lisonjeira classificação de primeira folha ilustrada desta capital, com que a honrou o distinto redator proprietário do *The Anglo-Brazilian Times*, a quem nos cumpre aqui agradecer o benévolo acolhimento”. O *Guarani*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 1, 1871, cujos números estão disponíveis na HDB-BN, <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/guarany/748390>. Do *The Anglo-Brazilian Times* (1865-1884), a HDB-BN possui coleção incompleta: <http://memoria.bn.br/DocReader/709735/0>.

³⁰ Análises detidas do periódico e das contribuições de Ferreira estão em Arnone (2014).

³¹ O seguinte anúncio foi insistentemente reproduzido no *Guarani*: “Montado em uma casa digna de ver-se, este estabelecimento, que rivaliza com os principais de igual gênero nesta Corte, acha-se em condições de executar qualquer trabalho de tipografia e litografia com toda a perfeição e nitidez por preços muito mais razoáveis que em outra qualquer parte. O mesmo estabelecimento encarrega-se da impressão, revisão e brochura de jornais, revistas e obras cujos autores não possam ou não queiram ocupar-se com essas miudezas; da redação e tradução em português, francês, inglês e alemão de circulares, faturas, memórias, etc. Os proprietários dessas oficinas, além da modicidade do preço e perfeição artística, garantem a mais rigorosa pontualidade em seus contratos, por mais onerosos que sejam, pois para isso dispõem de um habilitadíssimo pessoal, das mais aperfeiçoadas máquinas modernas, papel, tinta e tipos diretamente importados dos mais acreditados fabricantes da Europa e América”.

Antes do lançamento do *Brasil Ilustrado*, Ferreira envolveu-se com vários outros projetos editoriais. Um deles era o *Imprensa Industrial: Revista de Literatura, Artes e Indústria* (1876-1877), quinzenário do qual se conhecem dois alentados volumes relativos ao período de agosto de 1876 a dezembro do ano seguinte e no qual Ferreira figurou como editor, ao lado do proprietário, José Lino de Almeida (1836-1888). Tratava-se de levar adiante estudos sobre a indústria e as conquistas da ciência, assunto candente num momento em que os avanços registrados no cenário internacional contrastavam com as nossas limitações nesse campo. A publicação também tratava de belas artes, estatística, viação pública, agricultura, economia, instrução, higiene, movimento literário do país e, “para desenfado de seus leitores”, trazia alguns “romances com escrupulosa escolha, variedades, transcrições da imprensa estrangeira, etc.”, como se afirmava na apresentação do número inaugural.³²

Pouco depois, ainda com Lino de Almeida, mais uma vez ele se postou ao lado de José de Alencar e participou do lançamento de *O Protesto: Jornal de Três* (1877), que circulou entre janeiro e março, impresso na Tipografia Imprensa Industrial.³³ Até onde se pode apurar, o seu envolvimento no campo político, que não parece ter sido muito significativo, deu-se em torno do Partido Conservador, tanto que colaborou em *O Rio de Janeiro, Órgão Conservador* (1885-1887).³⁴

Pelo menos desde 1879, Ferreira encontrava-se instalado na Rua de São José, 110, tendo figurado até 1883 no *Almanaque Laemmert* apenas na condição de editor e mercador de livros novos e usados – e não mais como dono da Tipografia Imperial. O mais provável é que se tratasse de uma nova empresa, agora voltada para edição, compra e venda de impressos. Note-se que Ferreira continuava a utilizar a denominação Biblioteca para Todos, fosse como editora de livros, cujos lançamentos eram anunciados nos jornais do tempo,³⁵ ou para se referir, de modo genérico, à “publicação de romances, contos, poesias, história e ciência popular, em volumes de 250 a 300 páginas. Quatro volumes por trimestre”, como o fez em anúncio da empresa.³⁶

³² Introdução. *Imprensa Industrial*, n. 1, s/p. 10/08/1876. Os números, encadernados em dois volumes, estão disponíveis na <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/Imprensa-Industrial/700568>.

³³ Título disponível na HDB-BN: <http://memoria.bn.br/DocReader/737658/0>.

³⁴ Na HDB-BN há alguns números desse jornal, relativos ao ano de 1886, ver: <http://memoria.bn.br/DocReader/384976/106>. Acesso maio/2018.

³⁵ “*Gabriela*. Romance pelo Dr. J. M. Velho da Silva. Este romance, que já conta com duas edições, pertence à *Biblioteca para todos* de que é editor o distinto escritor e infatigável trabalhador, Félix Ferreira”. Álbum do Mequetrefe. *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 169, p. 2, 29/05/1879.

³⁶ O anúncio, que está no *Almanaque Laemmert* relativo ao ano de 1880, prosseguia: “Félix Ferreira & Cia, que também compram e vendem livros novos e usados, encarregam-se de redigir artigos

Fato é que em 1881 Ferreira foi responsável pelo lançamento de um novo projeto, *Ciência para o povo* (1881), com 26 exemplares publicados, sempre impressos na Lombaerts & Cia,³⁷ o que indica que ele já não atuava no mercado como impressor. *Ciência* não era propriamente um periódico, formato que Ferreira considerava inadequado para divulgar as grandes obras da ciência, pois “por mais organizada que seja uma revista, as suas coleções são sempre incomodadas de manusear quando se tem de estudar um assunto disseminado por vários números”,³⁸ daí a opção de publicar os trabalhos em fascículos semanais que, posteriormente, deveriam ser reunidos em volume.

Cada edição de *Ciência para o povo* trazia mais de um título, ao que se somava a promessa de incorporar gravuras, sempre que o assunto demandasse. O diagnóstico era claro: “o que nos falta pois são livros instrutivos, ilustrados, e postos ao alcance dos menos favorecidos da fortuna”, o que justificava o intento de lançar um produto que vulgarizasse trabalhos importantes para a compreensão da técnica e da ciência, ação que lhe parecia urgente diante do “atraso em que vegeta a instrução popular entre nós”.³⁹ A tarefa, contudo, não se revelou fácil. Em nota publicada no 18º número, lia-se:

Contávamos dar frequentemente gravuras e não temos podido por falta de quem as faça, não só com a precisa presteza mas também, se não com a maior perfeição ao menos com certa execução. As estampas que demos (...) fez-nos de uma vez para sempre dar de mão à litografia: pois além de caras, ficaram desintercaladas e, o que é pior ainda, um tanto confusas (...). Temos a chegar da Europa uma coleção de clichês para um curso completo de história natural, compreendendo botânica, zoologia, mineralogia e zoologia, que daremos traduzidos ou resumidos das obras mais bem aceitas sobre essas ciências e que esteja mais de acordo com o nosso programa, isto é, mais ao alcance das

para jornais, relatórios de sociedades, memoriais etc., de traduzir do francês, inglês e italiano para o português ou vice-versa, de impressões, garantindo a mais cuidadosa revisão, e de encadernações. Mandam vir qualquer encomenda da Europa e dos Estados Unidos. Remetem para o interior. Edições por conta própria de livros para colégios e obras literárias. Rua São José, 110”.

³⁷ Exemplares na HDB-BN: <http://memoria.bn.br/DocReader/349313/1>. Lino de Almeida também esteve ao seu lado na redação de *Ciência para o povo* e foi membro da Sociedade Promotora das Belas Artes, entidade na qual Ferreira participou ativamente (BLAKE, 1883, p. 5-6)

³⁸ FERREIRA, Félix. Prospecto. *Ciência para o povo*, 1881, p. 7

³⁹ FERREIRA, Félix. Prospecto. *Ciência para o povo*, 1881, p. 3-8. O texto insiste nas maravilhas descobertas pela ciência, que precisavam estar ao alcance de todos. Sobre a questão da divulgação científica, cujo circuito de difusão ultrapassava as fronteiras nacionais, ver Kodama (2016, p. 41-65).

classes populares. Com o papel especial que também mandamos vir, contamos dentro em pouco tornar essa tão barata e tão perfeita quanto é possível fazer-se entre nós.⁴⁰

A despeito dos dissabores, é patente que, a partir da década de 1870, quicá graças à experiência obtida com a tipografia e o comércio de impressos, multiplicaram-se as publicações assinadas por Ferreira, que se aventurava em temas bastante variados. Por vezes, seus trabalhos somavam algumas dezenas de páginas e não eram mais que adaptações de obras estrangeiras, compilações ou recolha em volume de séries já difundidas em órgãos de imprensa. Sem pretensão de fornecer uma lista exaustiva, deve-se mencionar os vários guias⁴¹ e compêndios didáticos que organizou,⁴² os textos sobre práticas e instituições educacionais,⁴³ o envolvimento com a bibliofilia e a Biblioteca Fluminense (1847),⁴⁴ e os estudos de cunho histórico.⁴⁵

Entretanto, o “incansável Ferreira”, “o conhecido e operoso publicista”, como era frequentemente evocado pelos colegas da imprensa, dedicou-se

⁴⁰ Aos nossos leitores. *Ciência para o povo*, n. 18, p. II-III, 1881.

⁴¹ FERREIRA, Félix. *Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1875; *Guia das águas minerais de Caxambu*, Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1877; *A província do Rio de Janeiro, notícias para o imigrante*. Coligidas por ordem do Exmo. Sr. Dr. Antonio da Rocha Leão. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1888; e *Brasil. O Estado do Rio de Janeiro*. Informações para o emigrante, coligidas por ordem do Sr. Dr. Thomaz de Porciuncula. Niterói: Pinheiro & Cia, 1893, todos disponíveis no acervo da BN.

⁴² São muitos os anúncios de títulos didáticos, sempre atualizados e reeditados, destinados às escolas e exames preparatórios. Entre eles, vejam-se: *Seleção dos autores clássicos*: Camões, Vieira, Bernardes, Garret, Herculano, Lisboa, Rebello da Silva. Rio de Janeiro: Serafim José Alves, [1876], presente no acervo da Biblioteca Mário de Andrade; *Trechos seletos dos autores clássicos*: Bernardes, Rodrigues Lobo, Frei Luiz de Souza, Camões. Rio de Janeiro: Biblioteca para Todos, [1879]; *Noções de vida doméstica para uso das escolas brasileiras*. Destinadas à instrução do sexo feminino. Rio de Janeiro: Tipografia Carioca, 1879 e *Noções de vida prática*. Coordenadas para a instrução primária do sexo masculino nas escolas brasileiras Rio de Janeiro: Tipografia Carioca, 1879, dirigido aos rapazes. Sobre o volume para meninas, ver BASTOS e GARCIA (1999, p. 77-92). A BN possui edição do segundo e do terceiro títulos citados e o Gabinete Português do último.

⁴³ Ver: *Exposição pedagógica*. Guia dos visitantes. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883, *O Instituto Abílio*. Método, colégio e compêndios: notícia e apreciações. Rio de Janeiro, Tipografia Moreira, 1885; *Notas bibliográficas*. A exposição de história do Brasil na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt 1881 e *O colégio Menezes Vieira na exposição pedagógica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Moreira, Máximo & Cia, 1885. Há exemplar do segundo e do terceiro títulos, respectivamente, no Museu Republicano da USP e na BN.

⁴⁴ FERREIRA, Félix. *A reforma da Biblioteca Fluminense*: considerações e projetos de uma sociedade bibliográfica brasileira. Rio de Janeiro: Biblioteca Fluminense, 1885, do qual Há um exemplar na BN, onde também se encontra o manuscrito *Dicionário Bibliográfico Histórico Brasileiro*, listagem de autores nacionais e estrangeiros que, desde o século XVI até 1868, trataram do Brasil.

⁴⁵ Ver, por exemplo: *José Basílio da Gama*. Comemoração do *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: Tipografia do *Jornal do Comércio*, 1899 e a obra póstuma *Santa Casa de Misericórdia Fluminense*. Notícia Histórica. Rio de Janeiro, s/e, 1899, pertencentes ao acervo da BN.

com particular empenho à defesa dos ideais professados em prol da educação artística e industrial pela Sociedade Promotora das Belas Artes (1856), responsável pela fundação do Liceu de Artes e Ofício, cujas atividades iniciaram-se dois anos depois. Idealizador dessas instituições, o arquiteto Joaquim Francisco Bethencourt da Silva (1831–1911) foi biografado por Ferreira⁴⁶ que, no diapasão das denúncias sobre a indigência de nossa indústria e precariedade da educação, engajou-se na defesa da Sociedade e do Liceu, participou ativamente da direção e das atividades das mesmas⁴⁷ e combateu em prol da educação feminina,⁴⁸ introduzida no Liceu a 20 de outubro de 1881, fato comemorado com pompa e circunstância.⁴⁹ Em 1885, publicou *Belas Artes: estudos e apreciações*, considerado “o primeiro livro dedicado à história da arte publicado no Brasil” (CHIARELLI, 2012, p. 9).⁵⁰ No ano seguinte foi nomeado redator dos debates da Câmara dos Deputados, cargo que ainda exercia quando faleceu.⁵¹

Fica evidente que, ao assumir o *Brasil Ilustrado*, Félix Ferreira era um intelectual que atuava em várias frentes e que se mostrava particularmente preocupado não apenas com a educação formal, mas também com a difusão de saberes científicos, técnicos e artísticos para um amplo público. Para cumprir essa tarefa, tributária do ideal iluminista, a imprensa ilustrada era tida como poderoso aliado, de modo que Ferreira se envolveu em vários projetos editoriais dessa natureza, sem nunca ter se associado às folhas humorísticas,

⁴⁶ FERREIRA, Félix. *Bethencourt da Silva: perfil artístico*. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1876.

⁴⁷ Nesse sentido, ver: FERREIRA, Félix. *Do ensino profissional*. O Liceu de Artes e Ofícios. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1876, Disponível no acervo da BN.

⁴⁸ Sobre o tema, Ferreira escreveu: *O Liceu de Artes e Ofícios e as aulas de desenho para o sexo feminino*. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, 1881; *A educação da mulher*. Notas coligidas de vários autores. Edição comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino no Liceu de Artes e Ofícios. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, 1881, disponíveis na BN, além de obra coletiva organizada por FERREIRA, Félix; BELLEGARDE, Guilherme, SILVA JÚNIOR, Dr. J. M. Velho da (org.). *Polianiteia comemorativa da inauguração das aulas do sexo feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios*. Rio de Janeiro: Sociedade Promotora das Belas Artes, 1881, disponível no sítio do IEB/USP: <http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/YAN/Media/YAN6966.pdf>. Acesso maio/2018. Ele também tratou da educação feminina em *A Mãe de Família* (RJ, 1879–1888), periódico no qual Pires de Almeida também contribuía e que foi analisado por Carula (2013, p. 85–112).

⁴⁹ Sobre a inauguração das aulas para mulheres no Liceu, ver *A festa sem par*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 291, p. 2, 21/10/1881, na qual se menciona a presença de Ferreira e algumas de suas obras.

⁵⁰ A BN possui exemplar da 1ª edição. Alguns excertos foram publicados em 1884, no rodapé do jornal *Brasil Órgão do Partido Conservador* (RJ, 1883–1885), cuja redação Ferreira integrava. Título disponível na HDB-BN: <http://memoria.bn.br/DocReader/236055/0>. Acesso maio/2018.

⁵¹ A nomeação foi noticiada na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 107, p. 1, 17/04/1886.

que tanto sucesso fizeram no Brasil da segunda metade do Oitocentos. De fato, a publicação de Pinheiro vinha ao encontro de seus ideais e abria-lhe a oportunidade de, mais uma vez, tentar colocá-los em prática, tendo agora a proteção de importante empresa.

Sua trajetória e as causas pelas quais se bateu permitem compreender o profundo engajamento em prol do Liceu de Artes e Ofícios, instituição que, segundo acreditava, precisava ser devidamente equipada a fim de formar a tão necessária mão-de-obra apta para enfrentar os desafios da produção em larga escala, num país em que o regime escravista conspurcava e desqualificava as atividades manuais. Na perspectiva de Ferreira e de outros intelectuais do tempo, sem trabalhadores especializados, versados no desenho e nas belas-artes, elementos essenciais num mundo dominado pela indústria, não teríamos como ingressar na nova era, diagnóstico que colocava em risco a nossa tão almejada recepção entre os povos considerados civilizados.⁵²

Folheando o *Brasil Ilustrado*

A análise do conteúdo do *Brasil Ilustrado* indica clara predominância de certas temáticas, seja nos artigos avulsos ou em seções que, como é comum nos periódicos, tiveram duração variável. Assim, parece mais útil e revelador concentrar a atenção nos assuntos privilegiados, independente do espaço no qual figuraram. De saída, cumpre esclarecer que a publicação da forma como foi preservada⁵³ não continha anúncios, aspecto que, se confirmado, indica que a receita seria exclusivamente dependente dos assinantes. A despeito de se declarar um “arquivo de conhecimentos úteis”, não seria apropriado se o subtítulo ainda contivesse o complemento *sobre o Brasil*, pois o país é o tema que atravessa a quase totalidade dos conteúdos, o que garante a particularidade desse impresso frente a congêneres europeus que exibiam o mesmo subtítulo.

⁵² Sobre o impacto das exposições universais e as disputas entre as nações industrializadas quanto à qualidade técnica e artística dos seus produtos, bem como a respeito da trajetória do Liceu e de seu fundador, consultar Murasse (2001).

⁵³ Conforme já se destacou, no invólucro relativo ao número 16, a quarta capa traz anúncio da Editora Laemmert. Caso fosse prática corrente envolver o conteúdo, não se pode descartar a hipótese de que ela contivesse anúncios. As quatro edições do IEB/USP permitem supor que os exemplares eram compostos por folhas soltas, envoltas por uma capa, tendo em vista que os mesmos deveriam ser encadernados para formar um volume.

A promessa de ser uma publicação ilustrada foi, em larga medida, cumprida. Graças ao uso da xilografia, havia interação entre a parte textual e a imagética, com produção local das principais estampas. Cabe notar a presença frequente de Bento Barbosa Júnior (1866–?) e Artur Lucas (?–1929), ambos alunos da Escola Nacional de Belas Artes, que contribuíam com desenhos, e de Alfredo Pinheiro, que respondia pelas xilogravuras. Situação bem diversa, portanto, da imperante em outras folhas fundadas ou que contaram com a participação de Ferreira, a exemplo de *Ciência para todos*, na qual as esperanças estavam depositadas em coleções de clichês encomendadas na Europa.

No *Brasil Ilustrado* era evidente a preocupação com a composição da página, organizada em duas colunas e cuja monotonia era quebrada de acordo com as necessidades de inserção das estampas que, por vezes, esgueiravam-se e rompiam as fronteiras dos blocos de textos, fossem artigos, seções ou produção literária (Figura 7).

Figura 7
Ilustração de texto literário com capitular e
inserção que ultrapassa os limites tipográficos.



Brasil Ilustrado, n. 11, p. 170. Fonte: Biblioteca Nacional.

Para além desse material, merece destaque o recurso, nas páginas e no interior de um mesmo texto, a diferentes famílias de tipos, variações nos tamanhos das letras e no espaçamento, negritos, subtítulos e capitulares bastante trabalhadas. Delicados filetes, florões e ornatos tipográficos de diferentes dimensões, contendo motivos geométricos, alusão à natureza, flora e/ou fauna delimitavam visualmente os conteúdos e preenchiam pequenos espaços, compondo um conjunto harmônico e prazeroso do ponto de vista estético. O cuidado estendia-se às principais seções, que possuíam vinhetas próprias (Figuras 8 e 9).

Figura 8

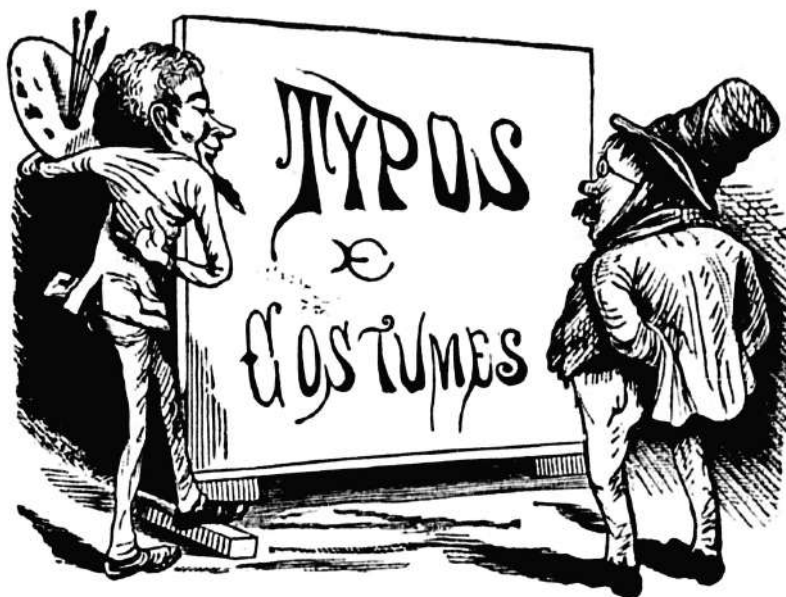
Brasil Ilustrado, vinheta que identificava a seção Belas Artes



Brasil Ilustrado, n. 1, p. 7, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

Figura 9

Brasil Ilustrado, vinheta que identificava a seção Tipos e Costumes



Brasil Ilustrado, n. 1, p. 15, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

Em 1887, os periódicos ilustrados não eram propriamente novidade na Corte. Excetuando-se os jocosos, de outra natureza, pode-se citar vários títulos produzidos no Rio de Janeiro: *Ilustração Brasileira* (1854-1855), o já mencionado *O Brasil Ilustrado, publicação literária*; *Ilustração Brasileira: jornal enciclopédico* (1861); *Ilustração do Brasil* (1876-1880); *Ilustração Popular* (1876-1877) e *Ilustração Brasileira: jornal de artes, ciências e letras* (1876-1878), todos anteriores à empreitada da Pinheiro & Cia. e, a exemplo da experiência deste, de breve duração. A enumeração é suficiente para atestar as dificuldades da produção de estampas entre nós e ajuda a compreender a predominância da litografia, frequentemente encartada – e não articulada – à parte tipográfica.⁵⁴

Ferreira acreditava na potencialidade educativa e formativa da imprensa ilustrada, tanto que se batia pela introdução de aulas de gravura no Liceu. Vários periódicos que saudaram o lançamento do *Brasil Ilustrado* destacaram justamente a presença da xilografia, como se vê nas figuras 3 e 4. Aliás, esse foi o tom predominante: a nova publicação foi caracterizada como capaz de “plantar definitivamente entre nós a arte xilográfica, de tanta utilidade prática”,⁵⁵ ou de “animar novos artistas a empreenderem a ilustração de jornais e livros por este sistema,” que era tido como “quase que entre nós desconhecido”,⁵⁶ sem esquecer os que apostavam nesse “novo e belo gênero de gravura, tão descurado até então”⁵⁷

Ferreira, atento à recepção da folha, não escondeu seu dissabor pelo fato de dois dos mais importantes jornais da época, a *Gazeta de Notícias* (1875-1942) e a *Gazeta da Tarde* (1878-1897) não terem dado o destaque que, na sua perspectiva, a parte artística do *Brasil Ilustrado* era merecedora e que se constituía no cerne dos esforços que empreendia com Manuel e Alfredo Pinheiro. Ele não relutou em cobrar diretamente os editores, respectivamente José Ferreira de Souza Araújo (1848-1900) e José do Patrocínio (1854-1904):

⁵⁴ Análise circunstanciada da questão é realizada no importante trabalho de Andrade (2004). Sobre os momentos iniciais da produção de estampas no Brasil, inauguradas com a chegada da Família Real, ver Santos (2008).

⁵⁵ ELOY, o herói. Croniqueta. *A Estação. Jornal Ilustrado para a família*. Ano XVI, n. 3, p. 13, 15/02/1887.

⁵⁶ ARITTA, E. Notas. *A Democracia: periódico político, literário e científico*. Ano II, n. 20, p. 4, 11/03/1887. Periódico que circulou no Rio de Janeiro e do qual a HDB-BN possui exemplares do ano de 1887. Ver: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/democracia/748749>.

⁵⁷ *O Vassourense. Periódico imparcial, noticioso e literário*. Rio de Janeiro, Ano VI, n. 7, p. 1-2, 13/02/1887. Na HDB-BN há números publicados entre 1882 e 1909. Ver: <http://memoria.bn.br/DocReader/217930/1106>. Acesso maio/2018.

A *Gazeta de Notícias* limitou-se a sumariar o prospecto, o que muito é para admirar quando o seu principal redator é reconhecidamente um grande amator de belas-artistas. A *Gazeta da Tarde* nem tanto fez, apesar de ser atualmente o seu chefe de redação um dos novos e mais esperançados vereadores do município neutro. Dirão talvez que é por demais modesto o cometimento para merecer a atenção dos dois ilustres jornalistas; mas, observo de antemão, que não se medem tais empresas senão pelo meio em que nascem. Na França ou nos Estados Unidos o *Brasil Ilustrado* nada representaria – entre nós, porém, assim não acontece, pois como bem notou o distinto redator do *Jornal do Comércio*, as suas gravuras “representam um progresso imenso, num país em que xilografia era quase inteiramente desconhecida”. Ora, como não ignoram os dignos redatores das *Gazetas de Notícias* e da *Tarde*, a xilografia é um poderoso agente de instrução popular, é a democracia na arte, a que põe ao alcance de todas as classes a cópia das mais belas obras-primas; e consequentemente a sua introdução e desenvolvimento tem direito a algumas palavras ao menos de animação por parte daqueles a quem incumbe a missão de amparar tudo quanto se destina ao bem público.⁵⁸

Pode-se compreender sua indignação na medida em que estampas e textos complementavam-se no *Brasil Ilustrado*. Havia a preocupação de compor um quadro sobre a história, o território, a natureza e os habitantes do país, incorporando informação de cunho visual, o que se constituía, em 1887, no único empreendimento desse gênero impresso no Rio de Janeiro.

A maioria dos números abria-se com a apresentação de um personagem ilustre, devidamente acompanhada de retrato, conteúdo que, por vezes, figurava em outros espaços da publicação. Pertenciam ao campo político (D. João VI, D. Pedro II, Evaristo da Veiga, Antônio Ferreira Viana), literário (Castro Alves, Fagundes Varela, José de Alencar, José Maria Velho da Silva), musical (Domingos Caldas Barbosa), historiográfico (Alexandre José de Melo Moraes, Visconde de Porto Seguro), jurídico (José Marcelino Pereira de Vasconcelos), científico (Domingos Freire), ou da imprensa (Hipólito da Costa), quase todos já falecidos no momento da homenagem.

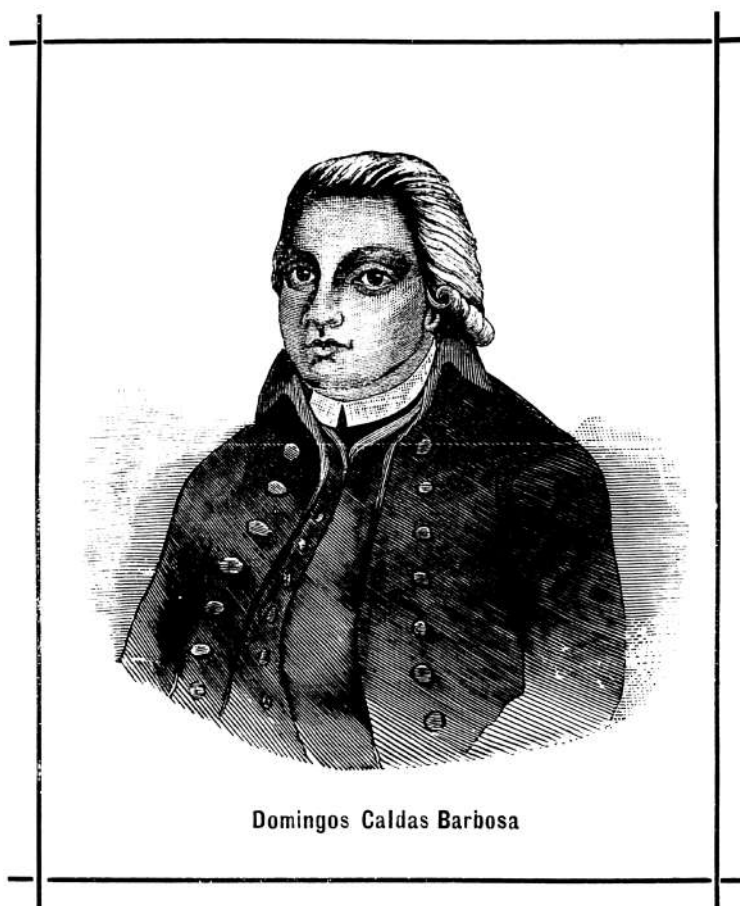
Destacavam-se os serviços prestados ao país, a competência específica de cada um na sua área de atuação, a retidão de caráter, o comportamento exemplar e, para os menos afortunados, o estoico enfrentamento das dificuldades, configurando um rol de exemplos com valor pedagógico, espécie de reserva moral da nação,⁵⁹ num registro que faz lembrar livro de Silvio

⁵⁸ FERREIRA, Félix. Belas Artes. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 26–27, 1887.

⁵⁹ Dos nove homenageados, sete o foram por Félix Ferreira, um por Pires de Araújo (D. João VI) e outro por Rangel S. Paio (Pereira de Vasconcelos).

Romero, *A história do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis* (1890), publicado na mesma década.⁶⁰

Figura 10
Personagem ilustre biografado no *Brasil Ilustrado*

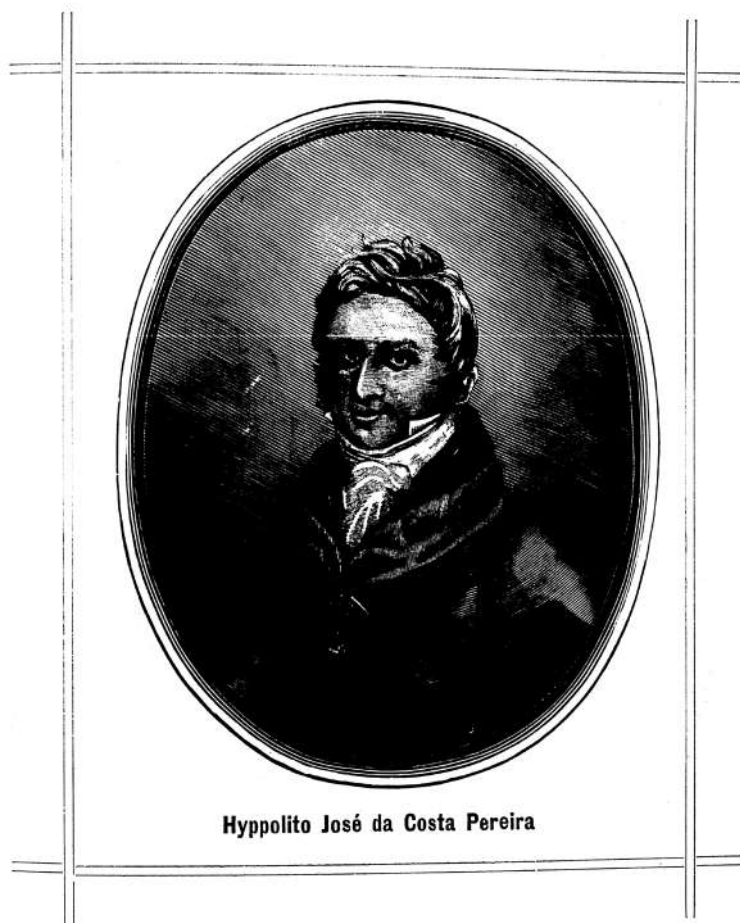


Domingos Caldas Barbosa

Brasil Ilustrado, n. 10, p. 145, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

⁶⁰ No início da República, o tema continuava na ordem do dia, como atesta não apenas o livro de Romero, mas também o estudo de Turazzi (2006, p. 229-253), no qual a autora apresenta o manual didático que dá título ao seu capítulo, com fototipias de Marc Ferrez e, muito possivelmente, idealização e textos de Benjamin Franklin Ramiz Galvão, publicado em 1891. Para o período Imperial, ver Turazzi (2009).

Figura 11
Personagem ilustre biografado no *Brasil Ilustrado*



Brasil Ilustrado, n. 12, p. 177, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

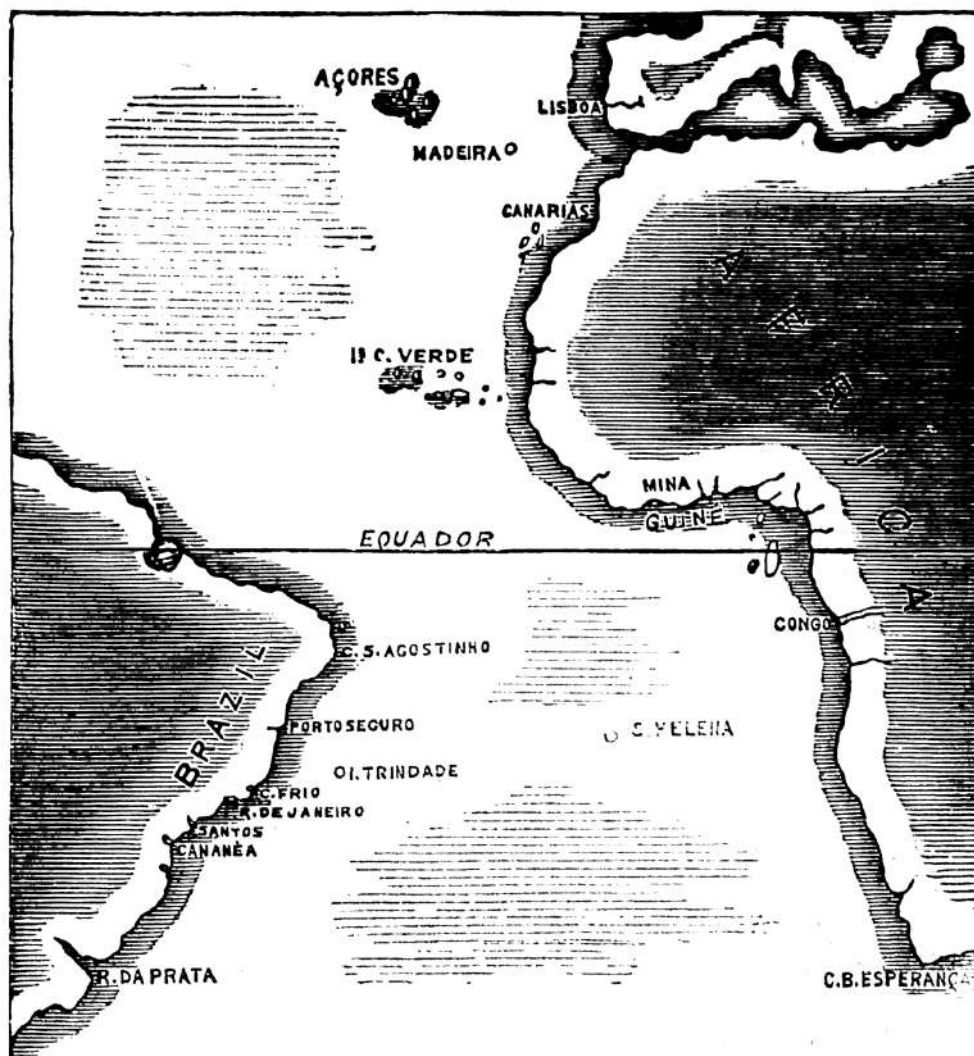
A preocupação com a história também se expressava no tratamento de acontecimentos então recentes, como a Guerra do Paraguai, lembrada a partir de diferentes aspectos pelo combatente e capitão de infantaria Francisco Félix de Araújo, o que deu oportunidade aos editores de reproduzir cenas de batalhas navais e bustos do Conde D'Eu e do Duque de Caxias. Já as bem mais longínquas primeiras expedições às costas brasileiras foram tema de uma série de artigos não assinados que ficou inacabada. Esmiuçavam-se os mínimos detalhes da empreitada, que adquiria tangibilidade graças ao conjunto diversificado de estampas que incluía personagens (D. João

II, Cabral, Vespúcio, Martim Afonso); reproduções cartográficas do mundo conhecido antes e depois da chegada dos europeus à América – costa da África, América do Sul e Brasil; desenhos de caravelas; vistas dos cabos de São Roque e de Santo Agostinho, além de representação da chegada dos descobridores. Tratava-se de narrativa edificante acerca dos exploradores portugueses, num trabalho de recuperação do passado que, a um só tempo, dotava de sentido e coerência a trajetória histórica percorrida e nos tornava herdeiros de um passado glorioso, ao mesmo tempo em que se reafirmava o indissolúvel traço de união com Portugal.⁶¹

Em realidade, do ponto de vista quantitativo, a história não predominou na publicação enquanto relato coerente e cronológico, como no caso da narrativa sobre as primeiras expedições, mas foi retomada ao longo de seções e artigos, fosse a partir de figuras ilustres, que se somavam àquelas que abriam a revista, ou da menção à fundação de vilas, evocação de antigas edificações, fatos curiosos, costumes de antanho, datas e feitos memoráveis ou práticas como a pesca da baleia e sua importância econômica, compondo um rol de informações apresentadas de forma atraente, que entretinha mas também informava o leitor a respeito do passado nacional.

⁶¹ A história, tal como figura aqui, é tributária das concepções então defendidas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que encontrou em Varnhagen seu realizador mais destacado. A respeito, ver Guimarães (1988).

Figura 12
Representação cartográfica do Atlântico Sul



COSTA OCCIDENTAL DA AFRICA E ORIENTAL DA AMERICA DO SUL

Brasil Ilustrado, n. 5, p. 69, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

Figura 13
Representação da chegada dos portugueses no Brasil



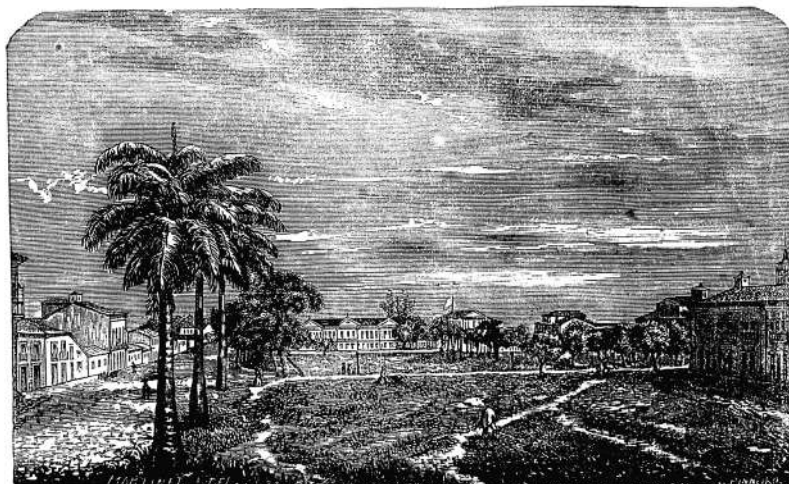
DESCOBERTA DO BRAZIL

Brasil Ilustrado, n. 7, p. 101, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

As dimensões do território, aspecto digno de orgulho, foram tematizadas tanto a partir dos bandeirantes, com a narração da épica jornada que realizaram até Cuiabá no século XVIII, acompanhada de mapa e de estampa sobre as tribos encontradas, quanto em pequenas notas, que preenchiam os espaços restantes das páginas com informações curiosas, fosse a respeito da descoberta do Rio Madeira, da fundação de São Gonçalo, das distâncias entre os nossos portos ou da densidade demográfica de Mato Grosso.

A centralidade da questão também pode ser percebida no esforço de dar conta de diferentes rincões, o que era feito mediante a publicação de relatos de viagem e descrições, não raro recheadas de digressões históricas, sobre a flora, a fauna e os primeiros habitantes. Contemplavam-se tanto locais próximos ao Rio de Janeiro – Nova Friburgo, Vassouras, Valença ou Lorena (SP) – quanto cidades e áreas bem mais recônditas – Belém do Pará, Bonfim (GO), o percurso de Pombo a Ouro Preto, a região dos vales dos rios Ivaí (PR) e Doce (ES e MG), os picos de Itabira (ES) e de Itacolomi (MG), e as ruínas de igreja em Pomba (MG). As estampas selecionadas possibilitavam ao leitor entrar em contato com grande diversidade de cenários e contribuíam para induzir percepções grandiosas a respeito do território, materializado visualmente. Território que necessitava ser esquadrinhado, ter suas riquezas e potencialidades identificadas com o objetivo de obter uma cartografia do país a mais completa possível. Não apenas os caminhos, os rios e as matas, mas também a fauna foi objeto de atenção, com uma seção específica, dedicada a descrever os animais que integravam o nosso patrimônio e que foram apresentados em seu habitat natural: tamanduá, jacaré, preguiça, tatu, anta e macaco, os três últimos sob a responsabilidade do versátil Félix Ferreira.

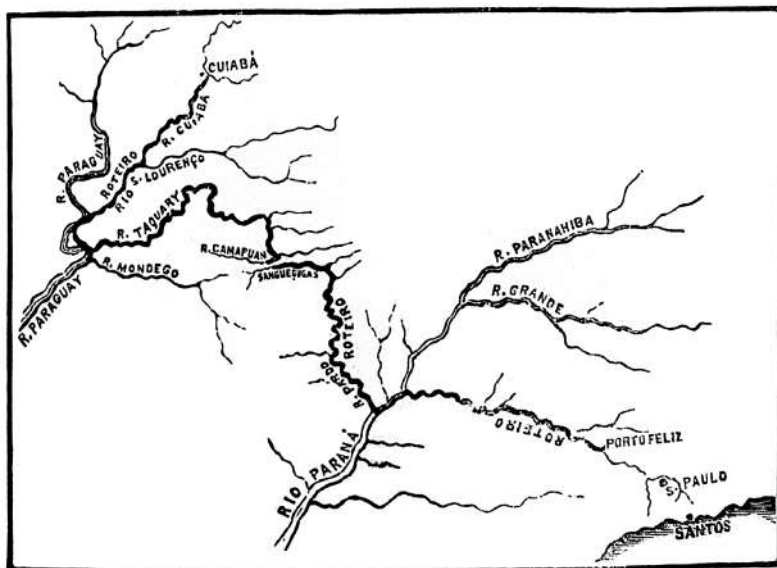
Figura 14
Exemplo de estampa relativa ao território



LARGO DO PALACIO, BELEM

Brasil Ilustrado, n. 11, p. 168, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

Figura 15
Exemplo de estampa relativa ao território



Roteiro de S. Paulo a Cuiabá seguido pelos antigos bandeirantes

Brasil Ilustrado, n. 11, p. 175, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

Figura 16
Exemplo de estampa relativa ao território



MACACOS NARIGUDOS

Brasil Ilustrado, n. 8, p. 126, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

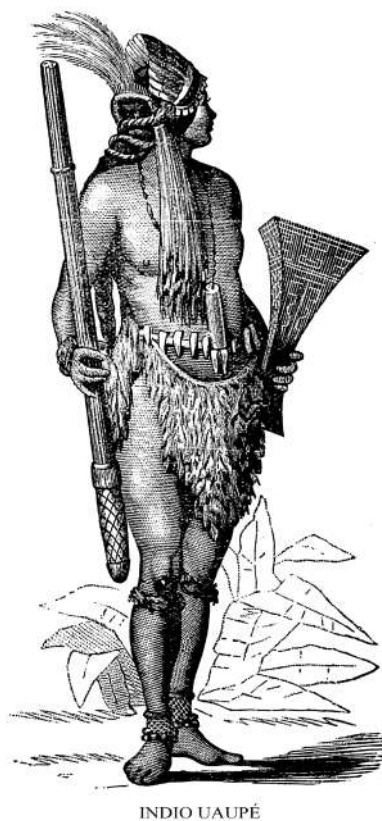
A questão indígena não poderia deixar de figurar nesse arquivo de conhecimentos úteis sobre o país e houve esmero em intercalar instrumentos, vestimentas e fisionomias. Dos seis artigos consagrados ao estudo de diferentes grupos, quatro eram transcrições do que já se publicara na *Revista da Exposição Antropológica Brasileira* (1882), cuja impressão esteve a cargo da tipografia de Pinheiro, cabendo a Nicolau Huascar de Vergara (18??/1882 ou 1886) responder pelos desenhos e à dupla Alfredo Pinheiro e Vilas Boas pelas gravuras, o que atesta o reaproveitamento de matrizes.⁶²

Se, nos casos citados, tratava-se de textos e imagens idênticos, no artigo de Félix Ferreira consagrado à ubá, um tipo de embarcação indígena,

⁶² Trata-se de três textos do naturalista João Barbosa Rodrigues (1842–1909) sobre os Uaupés, Caurixanas e Mundurucus, e outros da autoria do médico João Batista de Lacerda (1846–1915), que versavam sobre os Botocudos. A *Revista da Exposição Antropológica Brasileira* está disponível em HDB/BN: <http://memoria.bn.br/DocReader/718653/4>. Sobre a trajetória e a obra de Rodrigues, consultar o número especial da *Revista Brasileira de História da Ciência*, que traz um dossiê sobre o autor.

apenas a estampa foi reutilizada. Ele não perdeu a chance de lamentar o quão pouco se conhecia da vida indígena “do ponto de vista industrial”, ou seja, sobre os instrumentos de trabalho, passatempos e armas de guerra, lacuna atribuída ao parco avanço da gravura em Portugal dos séculos XVI a XVIII, situação que tampouco teria se alterado com a fotografia, em função dos descuidos da nossa etnografia.⁶⁵ Há que se registrar, ainda, o relato de José Veríssimo sobre a lenda amazônica da Iara e as considerações, não assinadas, sobre o chefe tamoió Cunhambebe, ancoradas no relato de André Thévet (1502-1590) e Hans Staden (1525-1576).

Figura 17
Estampa relativa a indígenas brasileiros



Brasil Ilustrado, n. 2, p. 29, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

⁶⁵ FERREIRA, Félix. A Ubá. *Brasil Ilustrado*, n. 6, p. 81-82, 1887.

Figura 18
Estampa relativa a indígenas brasileiros



Indio Cauixana

Brasil Ilustrado, n. 3, p. 36, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

Figura 19
Estampa relativa a indígenas brasileiros



O CHEFE TAMOVO CUNHAMIRÊ

Brasil Ilustrado, n. 10, p. 148, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

A noção de que era preciso compor um repertório amplo sobre o país, tendo em vista inclusive as gerações futuras, ganhou corpo na seção *Tipos e costumes*, presente em nove dos doze exemplares analisados e que trouxe, em três oportunidades, a assinatura de Félix Ferreira. O objetivo era tratar de personagens curiosos da cena urbana, alguns em vias de desaparecer na “voragem dos tempos”, sem que tivessem sido descritos “fielmente para lição do futuro”,⁶⁴ caso do pedinte para as almas, do profeta, do tocador de realejo, do negro e da negra mina, do barbeiro ambulante, dos vendedores de jornais ou das práticas ainda em uso em famílias provincianas, que envolviam mil preparativos para assistir à missa, hábitos não mais vigentes na corte. Ao lado dessas figuras, meras sombras que remetiam a um momento já visto

⁶⁴ *Tipos e Costumes*. O pedinte para as almas. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 15, 1887.

como pretérito pelos articulistas, postava-se um tipo novo, o moderno viajante, que se deslocava entre os continentes graças aos modernos vapores, experiência que lhe permitia contrapor à realidade local as maravilhas da Europa. Havia também as novas figuras da Rua do Ouvidor, caso do dândi, identificado como pertencente não à escola francesa mas à italiana, ou da senhora em seu quarto que, após cuidadosa preparação, surge elegante e quase irreconhecível pronta para ir saborear um sorvete. A seção, aparentemente um rol de curiosidades que incluía a representação dos sujeitos descritos, remetia para diferentes usos e costumes, num investimento que procurava evidenciar as transformações em curso na sociedade brasileira e contribuir para compor um quadro a respeito delas.⁶⁵

Figura 20
Estampa da seção *Tipos e costumes*: pedinte das almas



Brasil Ilustrado, n. 1, p. 16, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

⁶⁵ No mesmo sentido, veja-se a nota sobre o funeral de um tenente coronel em 1814 na região das Minas Gerais, costume que atestava práticas antigas e também a riqueza da região: Pompas fúnebres em Minas. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 27, 1887.

Figura 21
Estampa da seção *Tipos e costumes*: tocador de realejo



Brasil Ilustrado, n. 3, p. 47, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

Figura 22
Estampa da seção *Tipos e costumes*: brasileiro viajado



BRAZILEIRO VIAJADO

Brasil Ilustrado, n. 9, p. 144, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

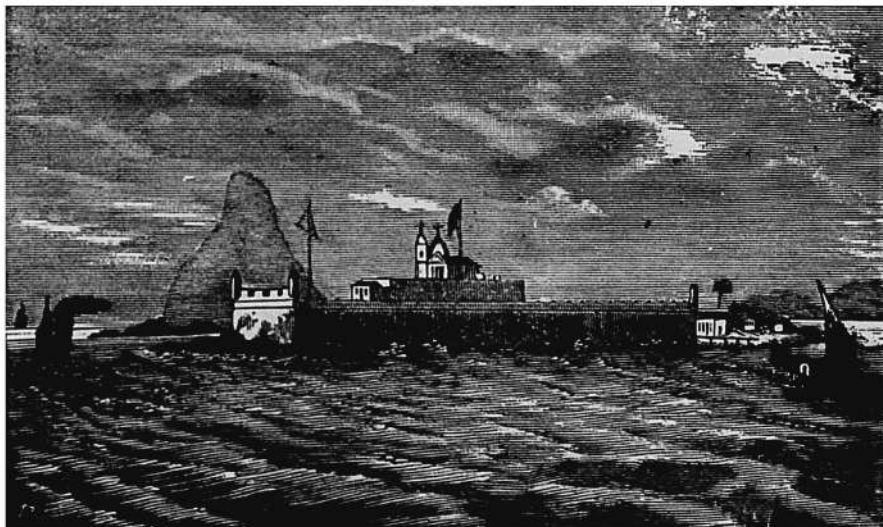
O esforço inventariante também incluía a capital do Império. No *Brasil Ilustrado* há um conjunto de artigos e respectivas estampas dedicados aos edifícios, sempre com a preocupação de esclarecer sua trajetória, processo de construção, estilo e o estado em que se encontravam. O tenente Tobias Becker encarregou-se das construções militares e, por vezes, incumbia-se de fornecer os desenhos ao gravador: o Forte do Leme; a Praia de Copacabana com suas ruínas de antigas fortificações; a fortaleza de Villegaignon e a Escola Militar. Os leitores também podiam deleitar-se com vistas da Praia do Icaraí ou com estampas da Ilha de Paquetá, cujos encantos eram exaltados.

Dentre as instituições públicas, foram contempladas a Secretaria da Agricultura, com apreciação de Guilherme Candido Bellegarde (1836-1890), enquanto Félix Ferreira encarregou-se do Gabinete Português de Leitura, cujo estilo manuelino considerou inapropriado, por ser incapaz de “expressar as ideias do tempo” e traduzir “o que somos e o que pensamos no final do século XIX”;⁶⁶ do Paço Municipal, sobre o qual deu detalhes acerca da decoração externa e interna e fez apreciações, nem sempre elogiosas, sobre as esculturas e pinturas; e do prédio da Caixa Econômica e Monte de Seguro, projeto de Bethencourt da Silva, este sim bastante festejado. O mesmo Ferreira comentou a vista da cidade do Rio de Janeiro a partir da Ilha de Boa Viagem, deteve-se na rua Primeiro de Março, com a Capela Imperial e a Igreja Nossa Senhora do Monte do Carmo, e destacou as peculiaridades da Quinta da Boa Vista, que mereceu um conjunto de estampas. A nota sobre o Parque da Aclamação, que destacou a “soberba flora brasileira”,⁶⁷ representada na estampa, não trouxe assinatura. Ainda que familiares para moradores da capital, esses espaços, fossem naturais ou trabalhados pela ação humana, ganhavam novos sentidos, porque inseridos em teias de referências mais amplas e apreciados criticamente. Já os leitores que não conheciam a capital do Império tinham a chance de vislumbrar aspectos do seu espaço urbano.

⁶⁶ FERREIRA, Félix. Belas Artes. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 26, 1887.

⁶⁷ Parque da Aclamação. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 25, 1887.

Figura 23
Aspectos do Rio de Janeiro



FORTALEZA DE VILLEGaignON

Brasil Ilustrado, n. 8, p. 125, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

Figura 24
Aspectos do Rio de Janeiro



PARQUE DA ACCLAMAÇÃO

Brasil Ilustrado, n. 2, p. 25, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

Figuras 25

Aspectos do Rio de Janeiro



Brasil Ilustrado, n. 5, p. 73, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

As edificações ensejavam considerações sobre os estilos arquitetônicos, tema que, ao lado do desenho, da pintura e da escultura, também foi frequente na seção Belas Artes, presente nos cinco primeiros números. A despeito do seu desaparecimento, tais assuntos continuaram a ocupar as páginas do *Brasil Ilustrado*, com clara predominância de colaborações assinadas por Félix Ferreira, que não se furtou a comentar as pinturas de João Zeferino da Costa (1840–1915) na Igreja da Candelária, o modelo do túmulo de José Bonifácio e o esboço para a estátua de José de Alencar, ambas do

escultor Rodolfo Bernardelli (1852–1931), cuja obra *Cristo e a mulher adúltera* foi reproduzida no periódico, acompanhada de observações de Antonio Ferreira Viana (1834–1904), homem de imprensa e importante político que se deteve menos na obra em si do que no simbolismo bíblico que ela evocava.

Já Ferreira, ao comentar a marinha do francês Émile Rouède (1848–1908), expressamente desenhada para o número inaugural da publicação e xilogravada por Alfredo Pinheiro, aproveitou a oportunidade para afirmar o valor do desenho e da estampa enquanto vestígios, ou seja, para além de seus valores artísticos, constituem-se em patrimônios tangíveis para a construção da trajetória da nação. Assim, depois de elogiar a vocação do artista e a fidelidade do gravador, demorou-se nas lições a serem extraídas da composição. A presença de dois tripulantes negros foi registrada como uma sobrevivência de outrora, quando era comum haver escravos “empregados na nossa navegação costeira, e que com a extinção do elemento servil vão desaparecendo”. E prosseguia:

Em geral o negro é avesso às lides do mar, e só forçado pelo cativo, a elas se entregava; por isso, à proporção que se via libertando acolhe-se à terra que é o seu elemento único, daí o despovoamento dos pretos que ora se nota na pequena navegação. O desenho do Sr. Rouède fica aqui pois arquivado como um apontamento para a história dos nossos usos e costumes; e poderá servir para no futuro dar ideia do sistema de transporte da pequena lavoura por via marítima, que ainda atualmente empregamos, mas que tende a desaparecer em breve.⁶⁸

Rouède contribuiu com outra marinha no 5º número, agora comentada pelo enigmático L, que se limitou a descrevê-la brevemente. Se Ferreira insistiu no caráter documental, L deteve-se no processo de produção da estampa, assegurando ser Alfredo Pinheiro “o único xilógrafo de mérito que atualmente possui o país”, elogio que expressava a penúria da nossa situação nesse campo. E, de maneira professoral, inocentava os xilógrafos quanto aos “defeitos do desenho e à má impressão das gravuras”, alertando para o fato de nos faltarem “desenhadores especiais deste gênero.” Como resultado, “apesar de todos os esforços por nós empregados para darmos excelentes gravuras, ainda não conseguimos dá-las tão nítidas e perfeitas como as gravuras francesas e alemãs”,⁶⁹ comentário que deixava antever a complexa cadeia de pro-

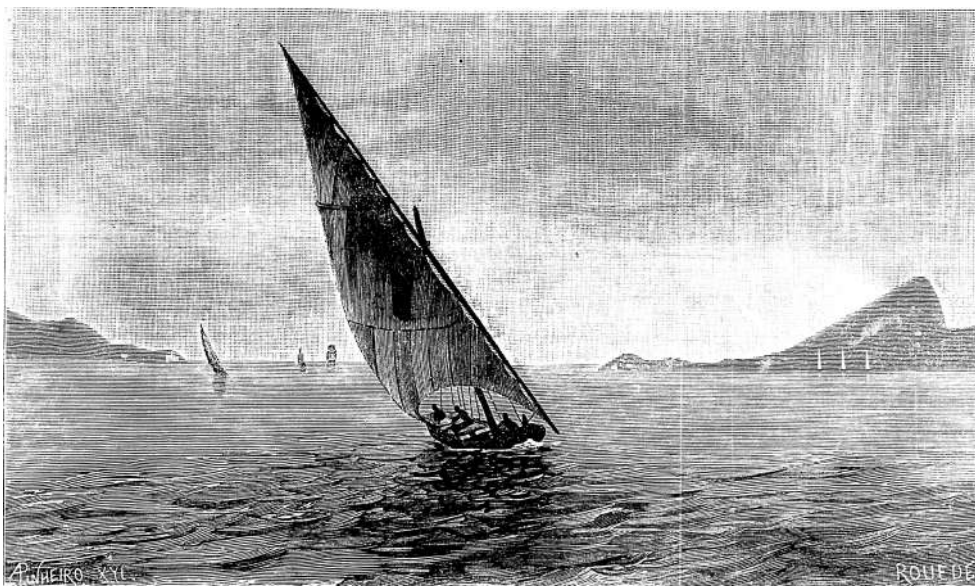
⁶⁸ FERREIRA, Félix. A marinha do Sr. Rouède. *Belas Artes. Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 7, 1887.

⁶⁹ L. *Belas Artes. Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 71, 1887.

dução e de intermediários envolvidos na impressão de imagens, num momento em que ainda não era possível a reprodução direta do registro fotográfico.

A publicação de uma estampa de dimensões reduzidas, intitulada *Efeito de Luar*, desenhada e gravada por Alfredo Pinheiro, comprovava, segundo Ferreira, a “perícia e suma aptidão” do artista para a ilustração de livros, “justamente a mais difícil e da qual mais sentimos verdadeira necessidade”,⁷⁰ em sintonia com os ideais que professava e defendia.

Figura 26
Marinha de Rouède



Brasil Ilustrado, n. 1, p. 8, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

⁷⁰ FERREIRA, Félix. Efeito de luar. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 137, 1887.

Figura 27
Efeito de Luar, de Alfredo Pinheiro



Brasil Ilustrado, n. 9, p. 137, 1887. Fonte: Biblioteca Nacional.

No que concerne aos avanços da ciência, tema tão caro a Ferreira, não há registro significativo nas páginas do *Brasil Ilustrado*, exceção feita a duas ocorrências da seção Ciência no Lar, assinadas por Pires de Almeida nos dois primeiros números. Por meio de diálogo entabulado com uma jovem, o autor ensinava-lhe noções básicas de botânica.

Bem diverso foi o espaço reservado à literatura e às seções que traziam curiosidades e anedotas, que visavam “recrear o espírito sem fatigá-lo nem pervertê-lo”, conforme se declarava no prospecto (Figura 5). A produção fic-

cional, ausente apenas em três números, esteve a cargo de Luís Gonzaga Duque Estrada (1863–1911), que assinou seis colaborações, uma delas com o pseudônimo de Silvino Júnior,⁷¹ de Félix Ferreira e de Pires de Almeida, cada um deles com duas colaborações, além de um conto de Manoel Carneiro. Aqui também se observa o cuidado de ilustrar o texto com estampas especialmente produzidas e alusivas ao seu conteúdo.

Figura 28
Exemplo de estampa relativa a texto literário

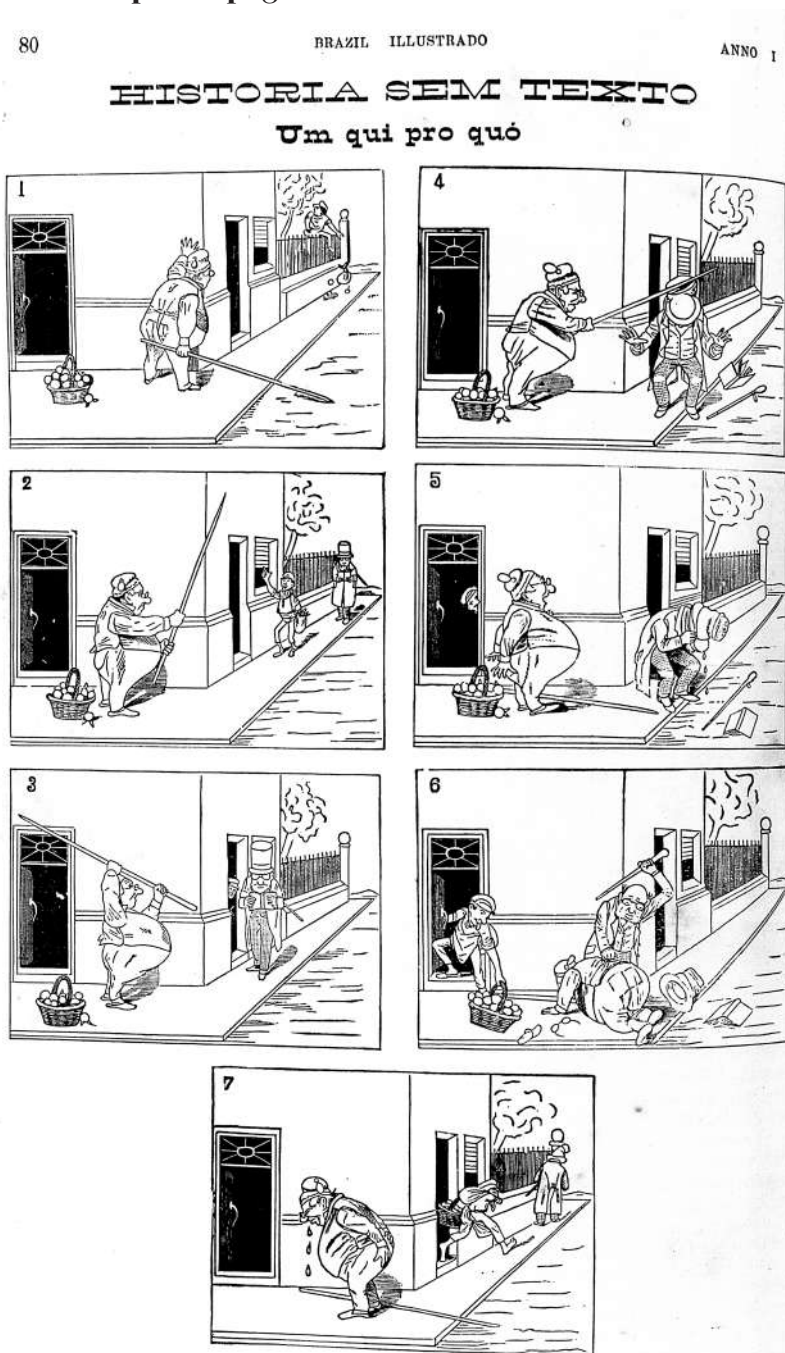


Brasil Ilustrado, n. 5, p. 76, 1877. Fonte: Biblioteca Nacional.

⁷¹ No ano de 1877, Gonzaga Duque Estrada respondia pela crítica de arte em *A Semana*, sob o pseudônimo de Alfredo Palheta. Em 1888, veio a público seu primeiro livro, *A arte brasileira*. No *Brasil Ilustrado* não há contribuições suas no campo artístico, exceção feita a um artigo, no qual comenta desenho de Artur Lucas, gravado por Alfredo Pinheiro, assinado por GDE, o que faz supor tratar-se de Duque Estrada. GDE. Zingara. *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 135, 1887.

Todos os números da folha encerravam-se com material de cunho leve, ainda que de natureza diversa. Os quatro primeiros trouxeram a seção Diversões de Salão, que apresentavam desafios – como tirar o colete sem tirar o paletó, tarefa a ser completada em oito passos, devidamente ilustrados, ou como equilibrar uma moeda na borda de um copo. A partir da sexta edição, a seção foi sucedida por Mosaico, daí em diante ausente em apenas uma oportunidade. Tratou-se de substituir os desafios por frases ou notas curtas que, a despeito do tom ligeiro, tinham por objetivo fornecer ao leitor um repertório de dados e fatos curiosos sobre assuntos os mais variados, fosse a respeito do tamanho do coração, da velocidade da luz ou sobre acontecimentos e personagens do passado que, no correr dos números, tornaram-se dominantes. A brincadeira propriamente dita assumiu a forma de histórias em quadrinhos, como se observa no quinto número, que estampou o que então se denominava de história sem texto, gênero difundido pelo caricaturista russo, naturalizado francês, Caran d’Ache, pseudônimo de Emmanuel Poiré (1858–1909). Em outras oportunidades, contava-se com textos e imagens.

Figura 29
Exemplo de página de encerramento da revista



Conclusão

Ao folhear as páginas do *Brasil Ilustrado* evidencia-se a preocupação em documentar, projeto no qual a informação visual, registrada pelo desenhista e executada pelo xilógrafo, desempenhavam papel essencial. O que se tinha em vista era a composição de um rol de referências, ancorado na realidade concreta ou em construções simbólicas, que ajudasse a delinear um certo perfil para a jovem nação, a ser compartilhado coletivamente.

Em 1887, também circulava no Brasil *A Ilustração* (Paris, 1884-1892), impressa em Paris e enviada quinzenalmente, a partir do porto de Bordeaux, para Lisboa e para o Rio de Janeiro. Tratava-se de publicação bem mais sofisticada, em termos de dimensões (40 cm × 29 cm), qualidade do papel e especialmente no que concernia às estampas, sofisticadas em termos de produção e impressão, o que não implicou, entretanto, em diferenças significativas no valor da assinatura.⁷² Esse periódico pertencia ao grupo que Bacot denominou de segunda geração de impressos ilustrados, tanto que a publicação luso-brasileira era produzida na mesma tipografia que imprimia *Le Monde Illustré* (Paris, 1857-1940), concorrente direto da *L'illustration*. É muito improvável que Félix Ferreira não tivesse conhecimento dessa publicação, frequentemente mencionada nos periódicos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Seu diretor era Mariano Pina (1860-1899), jornalista português enviado para Paris como correspondente do jornal *Gazeta de Notícias* e cujas crônicas foram estampadas regularmente no matutino entre 1882 e o início de 1886. Pertencer aos colaboradores fixos desse jornal, então um dos mais importantes do Império, constituía numa porta de entrada para o mundo letrado, fosse do Rio de Janeiro ou de Lisboa.

Contrapor as duas publicações, que disputavam os mesmos leitores, é instrutivo, sobretudo porque evidencia as escolhas possíveis para quem assumia o desafio de produzir uma folha ilustrada entre nós naquele momento. No *Brasil Ilustrado*, o que se destacava era o empenho em desvendar o país a partir da construção de uma iconografia voltada para o ato de produzir referências empíricas sobre passado e presente, com vistas a atestar e assegurar uma dada continuidade cultural.⁷³ Não por acaso, esse “arquivo de

⁷² Em 1877, os assinantes d'*A Ilustração* despendiam 12\$ pela assinatura anual e a metade pela semestral, enquanto o *Brasil Ilustrado*, como se viu, custava, respectivamente, 10\$ e 5\$. *A Ilustração* está disponível em HDB-BN: <http://memoria.bn.br/DocReader/767026/0>.

⁷³ A respeito, ver Menezes, (2009, p. 445-463).

conhecimentos úteis” deveria ser reunido em sólido volume, com centenas de páginas, nas quais a estampa cumpria a função de instruir e fornecer matéria-prima para a história e o futuro da nação.

A *Ilustração*, por sua vez, era fruto tanto das novas possibilidades abertas pela navegação a vapor, que em muito diminuiu o tempo de travessia do Atlântico, como das dimensões da indústria gráfica francesa, que utilizava sua plena capacidade produtiva graças às demandas de um mercado internacionalizado.⁷⁴ As estampas do periódico eram, em sua grande maioria, as mesmas publicadas pelo *Le Monde Illustré*, que vendia as matrizes por preços muito modestos, uma estratégia para obter algum lucro com um produto que já não tinha serventia. O resultado é que os leitores portugueses e brasileiros podiam adquirir, em seus países e na língua materna, um representante típico da segunda geração europeia de periódicos ilustrados. Tal circunstância está longe de ser irrelevante, uma vez que convida a refletir sobre processos de formação de gostos e sensibilidades, padrões estéticos e difusão de condutas, hábitos e valores em âmbito transatlântico.⁷⁵ Se o material imagético era da melhor qualidade técnica, a contrapartida estava na presença muito modesta de temas propriamente brasileiros e portugueses, em vista do pouco interesse que esses países despertavam no público francês. Assim, a opção por belas imagens implicava sacrificar o local, enquanto a referência à realidade luso-brasileira teria necessariamente que se ancorar em estampas produzidas e impressas com grau bem menor de esmero.

É claro que os leitores não eram obrigados a escolher entre um dos projetos, uma vez que tinham à disposição as duas publicações. A opção ficou a cargo dos responsáveis pelo *Brasil Ilustrado* que, se ambicionavam contribuir para que a produção local atingisse o apuro técnico dos periódicos que chegavam nos navios vindos da Europa, não abriam mão de tentar dar conta da nação, em suas múltiplas temporalidades, desafio que lhes parecia premente, ainda que estivessem constrangidos a fazê-lo com resultados materiais e gráficos bastante modestos. Outra diferença entre *Brasil Ilustrado* e *A Ilustração* residia na pouca atenção que o primeiro dispensava ao conteúdo novidadeiro, que já dominava as ilustrações europeias em circulação no mesmo momento, a exemplo do *Le Monde Illustré*, *L'illustration* e da própria *A Ilustração*, uma vez que estas já haviam deixado para traz a noção de conhecimentos úteis, compondo, de fato, a nova vaga de periódicos ilustrados.

⁷⁴ Sobre o tema, ver Cooper-Richet (2009, p. 539-555).

⁷⁵ A respeito dessa publicação, ver Luca (2018).

Tendo em vista, ainda uma vez, a classificação de Bacot, o *Brasil Ilustrado* ocuparia um lugar intermediário, uma vez não poderia ser identificado nem com a primeira geração, evocada em seu subtítulo, nem com a segunda, representada pelo adjetivo escolhido para nomeá-lo. Afinal, os conhecimentos úteis eram tomados em acepção restrita, pois se referiam ao Brasil, desígnio que também se estendia às estampas, produzidas segundo as possibilidades locais. O resultado era uma publicação sem compromissos com as novidades e destituída do apuro típico das ilustrações europeias e de sua réplica para consumo local. Essas características alertam para a especificidade da imprensa ilustrada brasileira e, no caso específico em apreço, o quanto o projeto do *Brasil Ilustrado* foi devedor do engajamento pessoal de Félix Ferreira, que se fez porta-voz das preocupações compartilhadas pela elite letrada das décadas finais do Império. O exemplo também contribui para relativizar quadros e tipologias com vocação generalizante que, a despeito de sua utilidade, não podem ser replicados de forma mecânica. Se a circulação de diferentes gêneros de impressos acelerou-se no Oitocentos, em função das novas possibilidades técnicas, que encurtavam as distâncias e conectavam o planeta, a apropriação sempre foi criativa, num registro que desautoriza a noção de recepção e cópia passivas.

Fontes e referências bibliográficas

Periódicos consultados

- ÁLBUM do Mequetrefe. *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, 29/5/1879, ano 5, p. 2.
- ALMANAQUE LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Cia. Typographica do Brazil, 1844-1889. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/0>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- ARITTA, E. Notas. *A Democracia: Periódico Político, Literário e Científico*, Rio de Janeiro, 11/03/1887, ano 2, n. 20, p. 4. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/democracia/748749>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- AOS NOSSOS leitores. *Ciência para o Povo*, Rio de Janeiro, n. 18, p. ii-iii, 1881.
- BRASIL, ÓRGÃO DO PARTIDO CONSERVADOR. Rio de Janeiro: [s. n.], 1883-1885. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/236055/0>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- BRASIL ILUSTRADO: ARQUIVO DE CONHECIMENTOS ÚTEIS. Rio de Janeiro: Pinaheiro & C., 1887-1888. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/brazil-illustrado/717746>>, <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/2263>>. Acesso em: 12 set. 2019.
- O BRASIL ILUSTRADO: PUBLICAÇÃO LITERÁRIA. Rio de Janeiro: [s. n.], 1855-1856. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/brazil-illustrado/706817>>. Acesso em: 12 set. 2019.
- BRASIL-TEATRO: REPERTÓRIO DRAMÁTICO DE AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS. Rio de Janeiro: E. Bevilacqua & C., 1901-1905. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=767034>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- CIÊNCIA PARA O POVO. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1881. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/349313/1>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- A DEMOCRACIA: PERIÓDICO POLÍTICO, LITERÁRIO E CIENTÍFICO. Rio de Janeiro: Typographia d'A Democracia, 1887.
- DEZESSEIS DE JULHO: FOLHA POLÍTICA E LITERÁRIA. Rio de Janeiro: Typographia de J. A. dos Santos Cardoso, 1869-1870. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/703010/1>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- ELOY, o herói: crônica. *A Estação: Jornal Ilustrado para a Família*, Rio de Janeiro, 15/2/1887, ano 16, n. 3, p. 13.
- A ESTAÇÃO: JORNAL ILUSTRADO PARA A FAMÍLIA. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1879-1904. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709816/0>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- FÉLIX Ferreira. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 23/10/1898, ano 78, n. 295, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/30022>. Acesso em: 11 set. 2019.
- A FESTA sem par. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21/10/1881, ano 7, n. 291, p. 2.
- GDE. Zingara. *Brasil Ilustrado: Arquivo de Conhecimentos Úteis*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 135, 1887.
- O GUARANI: FOLHA ILUSTRADA, LITERÁRIA, ARTÍSTICA, NOTICIOSA E CRÍTICA. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia Imparcial de Felix Ferreira & C., 1871. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/guarany/748390>>. Acesso em: 12 set. 2019.

- IDEIA: REVISTA ARTÍSTICA E LITERÁRIA. Rio de Janeiro: Typographia e Litographia de Francisco Alves de Souza, 1869. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/737356/1>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- A ILUSTRAÇÃO. Paris: [s. n.], 1884-1892. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/767026/0>>. Acesso em: 12 set. 2019.
- INTRODUÇÃO. *Imprensa Industrial: Revista de Literatura, Ciências, Artes e Indústrias*, Rio de Janeiro, 10/8/1876, n. 1. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/Imprensa-Industrial/700568>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- JORNAIS e revistas. *A Semana*, Rio de Janeiro, 5/2/1887, ano 3, v. 3, n. 110, p. 44. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/383422/887>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- L. Belas Artes. *Brasil Ilustrado: Arquivo de Conhecimentos Úteis*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 71, 1887.
- LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1869. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=717460&pagfis=1>>. Acesso em: 11 set. 1989.
- A MÃE DE FAMÍLIA: JORNAL CIENTÍFICO, LITERÁRIO E ILUSTRADO. Rio de Janeiro: [s. n.], 1879-1888.
- MANOEL Joaquim da Costa Pinheiro. *Brasil Histórico*. Rio de Janeiro, 30/07/1882, ano 5, n. 11, p. 1-2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=717681&pesq=>>>. Acesso em: 12 set. 2019.
- O MEQUETREFE. Rio de Janeiro: Nova Typographia de J. Paulo Hildebrandt, 1875-1893. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709670/1>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- NOTICIARIO. *O Vassourense*, Rio de Janeiro, 13/2/1887, ano 6, n. 7, p. 1-2.
- O PAÍS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 927, p. 1, 1887. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=178691_01>. Acesso em: 11 set. 2019.
- O PAÍS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 1217, p. 1, 1888.
- O PANDOKU. Rio de Janeiro: Typographia Fluminense de D. L. dos Santos, 1866. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/259560/0>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- PARQUE da Aclamação. *Brasil Ilustrado: Arquivo de Conhecimentos Úteis*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 25, 1887.
- O PEDINTE para as almas. *Brasil Ilustrado: Arquivo de Conhecimentos Úteis*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 15, 1887.
- PINHEIRO & CIA. Aos nossos assinantes. *Brasil Ilustrado: Arquivo de Conhecimentos Úteis*, Rio de Janeiro, 30/06/1887, ano 1, n. 12, p. 192.
- POMPAS fúnebres em Minas. *Brasil Ilustrado: Arquivo de Conhecimentos Úteis*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 27, 1887.
- O PROTESTO: JORNAL DE TRÊS. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1877. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/737658/0>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- PUBLICAÇÕES. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 27/7/1888, n. 1140, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/369365/4624>>. Acesso em: 10 set. 2019.

- REGISTRO de entradas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 9/5/1888, ano 14, n. 130, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/103730_02/13754>. Acesso em: 10 set. 2019.
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA. Rio de Janeiro: SBHC, v. 5, 2012. Suplemento. Disponível em: <https://www.jbrj.gov.br/sites/all/themes/corporateclean/content/publicacoes/SBHC%202012_suplemento.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.
- REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C., 1882. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/718653/4>>. Acesso em: 12 set. 2019.
- REVISTA DE ENGENHARIA. Rio de Janeiro: Typographia Economica, 1879-1891. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-engenharia/709743>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- O RIO DE JANEIRO: ÓRGÃO CONSERVADOR. Rio de Janeiro: [s. n.], 1885-1887. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/384976/106>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- THE ANGLO-BRAZILIAN TIMES: POLITICAL, LITERARY AND COMMERCIAL. Rio de Janeiro: Laemmert's Universal Typographie, 1865-1884. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709735/0>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- O VASSOURENSE: PERIÓDICO IMPARCIAL, NOTICIOSO E LITERÁRIO. Vassouras: Typographia do Vassourense, 1882-1909. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217930/1106>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- Obras citadas de Félix Ferreira
- FERREIRA, Félix. *As deusas de balão*. Rio de Janeiro: Tipografia Indústria Nacional de Cotrim & Campos, 1867.
- FERREIRA, Félix. *Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1873.
- FERREIRA, Félix. *Bethencourt da Silva: perfil artístico*. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1876.
- FERREIRA, Félix. *Do ensino profissional: o Liceu de Artes e Ofícios*. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1876.
- FERREIRA, Félix. *Seleção dos autores clássicos: Camões, Vieira, Bernardes, Garret, Herculano, Lisboa, Rebello da Silva*. Rio de Janeiro: Serafim José Alves, 1876.
- FERREIRA, Félix. *Guia das águas minerais de Caxambu*. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1877.
- FERREIRA, Félix. *A má estrela*. Rio de Janeiro: Félix Ferreira & Cia., 1879.
- FERREIRA, Félix. *Noções da vida prática: coordenadas para a instrução primária do sexo masculino nas escolas brasileiras*. Rio de Janeiro: Tipografia Carioca, 1879.
- FERREIRA, Félix. *Noções de vida doméstica: para uso das escolas brasileiras, destinadas à instrução do sexo feminino*. Rio de Janeiro: Tipografia Carioca, 1879.
- FERREIRA, Félix. *Trechos seletos dos autores clássicos: Bernardes, Rodrigues Lobo, Frei Luiz de Souza, Camões*. Rio de Janeiro: Biblioteca para Todos, 1879.
- FERREIRA, Félix. *A educação da mulher, notas coligidas de vários autores: edição comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino no Liceu de Artes e Ofícios*. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, 1881.

- FERREIRA, Félix. *Notas bibliográficas: a exposição de história do Brasil na Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, 1881.
- FERREIRA, Félix. *O Liceu de Artes e Ofícios e as aulas de desenho para o sexo feminino*. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, 1881.
- FERREIRA, Félix. Prospecto. *Ciência para o Povo*, Rio de Janeiro, p. 3-8, 1881.
- FERREIRA, Félix. *Exposição pedagógica: guia dos visitantes*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1885.
- FERREIRA, Félix. *Belas Artes: estudos e apreciações*. Rio de Janeiro: Baldomero Carqueja Fuentes, 1885.
- FERREIRA, Félix. *O Colégio Menezes Vieira na exposição pedagógica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Moreira, Máximo & Cia., 1885.
- FERREIRA, Félix. *O Instituto Abílio: método, colégio e compêndios: notícia e apreciações*. Rio de Janeiro: Tipografia Moreira, 1885.
- FERREIRA, Félix. *A reforma da Biblioteca Fluminense: considerações e projetos de uma sociedade bibliográfica brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca Fluminense, 1885.
- FERREIRA, Félix. [Apresentação]. *Brasil Ilustrado: Arquivo de Conhecimentos Úteis*, Rio de Janeiro, 1887, n. 1, p. 1-3. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6942>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- FERREIRA, Félix. Belas Artes. *Brasil Ilustrado: Arquivo de Conhecimentos Úteis*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 26-27, 1887.
- FERREIRA, Félix. A Ubá. *Brasil Ilustrado: Arquivo de Conhecimentos Úteis*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 81-82, 1887.
- FERREIRA, Félix. Efeito de Luar. *Brasil Ilustrado: Arquivo de Conhecimentos Úteis*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 137, 1887.
- FERREIRA, Félix. *A província do Rio de Janeiro: notícias para o imigrante coligidas por ordem do Exmo. Sr. Dr. Antonio da Rocha Leão*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1888.
- FERREIRA, Félix. *Brasil: o estado do Rio de Janeiro. Informações para o emigrante, coligidas por ordem do Sr. Dr. Thomaz de Porciuncula*. Niterói: Pinheiro & Cia., 1893.
- FERREIRA, Félix. *José Basílio da Gama: comemoração do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1899.
- FERREIRA, Félix. *Santa Casa de Misericórdia Fluminense: notícia histórica*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1899.
- FERREIRA, Félix. *Belas artes: estudos e apreciações*. 2ª edição. Porto Alegre: Zouk, 2012.
- FERREIRA, Félix et al. (org.). *Polianteia comemorativa da inauguração das aulas do sexo feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios*. Rio de Janeiro: Sociedade Promotora das Belas Artes, 1881. Disponível em: <<http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/YAN/Media/YAN6966.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- FERREIRA, Félix & NEVES, João Ferreira. *Rimas inocentes de dois poetas ingênuos*. [S. l.: s. n.], 1869.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, José de. *O tronco do ipê*. Rio de Janeiro: Typographia e Litographia Imparcial, 1871. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018488&bbm/4662#page/8/mode/2up>>. Acesso em: 12 set. 2019.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotoreportagem no Brasil: A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- ARNONE, Marianne Farah. *A gravura como difusora da arte: um estudo sobre a gravura brasileira no final do século XIX a partir da análise dos textos e produção crítica de Félix Ferreira*. Dissertação de mestrado em Artes Visuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- AZEVEDO, Miranda. Necrologia: Félix Ferreira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v. 3, p. 603–605, 1898.
- BACOT, Jean-Pierre. *La presse illustrée au XIX^e siècle: une histoire oubliée*. Limoges: Presse Universitaires de Limoges, 2005.
- BASTOS, Maria Helena Camara & GARCIA, Tania Elisa Morales. Leituras de formação – Noções de vida doméstica (1879): Félix Ferreira traduzindo Madame Hippeau para a educação das moças brasileiras. *História da Educação*, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 77–92, 1999.
- BERGER, Paulo. *A tipografia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Cia. Industrial de Papel Pirahy, 1984.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*, v. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883.
- CARULA, Karoline. A educação feminina em *A Mãe de Família*. In: CARULA, Karoline et al. (org.). *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2013, p. 85–112.
- CHARTIER, Roger. L'ancien régime typographique: réflexions sur quelques travaux récents. *Annales. Économies, sociétés, civilisations*, Paris, année 36, n. 2, p. 191–209, 1981.
- CHIARELLI, Tadeu. Introdução. In: FERREIRA, Félix. *Belas artes: estudos e apreciações*. 2ª edição. Porto Alegre: Zouk, 2012, p. 9–46.
- COOPER-RICHET, Diana. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX? *Varia História*, v. 25, n. 42, p. 539–555, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752009000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 abr. 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752009000200009>.
- FABRIS, Annateresa. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 1998, p. 111–37.
- FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 1994.
- FEYEL, Gilles. Les transformations technologiques de la presse au XIX^e siècle. In: KALIFA, Dominique (dir.). *La civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011, p. 97–139.

- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.
- KODAMA, Kaori. A vulgarização científica nas obras de Louis Figuier e suas traduções no Brasil. In: GOMES, Angela de Castro & HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 41-65.
- LUCA, Tania Regina de. *A Ilustração (1884-1892): circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e o Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora Unesp: Fapesp, 2018.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Cultura política e lugares de memória. In: AZEVEDO, Célia et al. (org.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 445-463.
- MURASSE, Celina Midori. *A educação para a ordem e o progresso do Brasil: O Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro (1856-1888)*. Tese de doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- PORTA, Frederico. *Dicionário de artes gráficas*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958.
- SANTOS, Renata. *A imagem gravada*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.
- TURAZZI, Maria Inês. *Quadros de história pátria: fotografia e cultura histórica oitocentista*. In: FABRIS, Annateresa & KERN, Maria Lúcia Bastos (org.). *Imagem e conhecimento*. São Paulo: Edusp, 2006, p. 229-253.
- TURAZZI, Maria Inês. *Iconografia e patrimônio: o catálogo da Exposição de História do Brasil e a fisionomia da nação*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2009.

Recebido: 29/06/2018 – Aprovado 27/02/2019

Editores responsáveis pela publicação:

Iris Kantor e Rafael de Bivar Marquese